

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

TANIA MARA DA SILVA MOURA

**MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS DE IDOSOS ATRAVÉS DE UMA
EXPOSIÇÃO MUSEAL: O CASO DA “LAVRAS E LOUVORES” DO MUSEU
ANTROPOLÓGICO DA UFG**

**GOIÂNIA
2019**

**MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS DE IDOSOS ATRAVÉS DE UMA
EXPOSIÇÃO MUSEAL: O CASO DA “LAVRAS E LOUVORES” DO MUSEU
ANTROPOLÓGICO DA UFG**

TANIA MARA DA SILVA MOURA

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Rildo Bento de Souza.

GOIÂNIA
2019

TANIA MARA DA SILVA MOURA

**MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS DE IDOSOS ATRAVÉS DE UMA
EXPOSIÇÃO MUSEAL: O CASO DA “LAVRAS E LOUVORES” DO MUSEU
ANTROPOLÓGICO DA UFG**

Monografia defendida no Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovada em dezembro de 2019, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rildo Bento de Souza
Universidade Federal de Goiás – UFG (Presidente)

Prof. Dr. Jean Tiago Baptista
Universidade Federal de Goiás – UFG

Prof. Isac Ferreira de Sousa
Universidade Federal de Goiás – UFG

Prof. Ms. Adelino Adilson de Carvalho
Universidade Federal de Goiás – UFG

Dedico este trabalho ao meu pai, Antônio Moura, ouro de mina, motivo maior por eu ter escolhido a museologia.

À minha mãe, Leonídia Moura, ouro de mina, que me ensina na prática física e emocional como pensar e agir com a pessoa idosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha parte sensível que corajosamente enfrentou as intempéries durante o curso e no decorrer deste trabalho.

Ao Mestre, que me mostra sempre o caminho.

Ao Ian, meu filho querido, pelo apoio incondicional em todos os níveis.

Ao Marco, o *passarim* que voou para longe mas que me apresentou a museologia e incentivou a acreditar nela.

A meu amigo e irmão de vida, Isac, que tanto me auxiliou durante o curso e com sua força e alegria me ensina tanto.

Ao meu orientador, prof. Rildo, pela credibilidade e orientação, me instigando a ir além.

A equipe do Museu Antropológico da UFG, especialmente ao Adelino, pelo apoio.

A minha parceira, Haydée Sampaio, pelos momentos de construção e trabalho, mesmo que às vezes parecia ser no ringue.

A todos os idosos que participaram direta e indiretamente deste trabalho e da minha formação como museóloga, arquiteta e, mais que isso, como gente.

A este mundo maluco que vivemos, cheio de mistérios, que me dá tanto conteúdo para aprendizagem.

Resumo

Essa monografia surgiu a partir do “Projeto de Ação Educativa para o Público Idoso: a história percebida e vivenciada através da Exposição *Lavras e Louvores*”, trabalho desenvolvido durante um ano como estagiária do Museu Antropológico da UFG. A mediação durante a visita na exposição operou como produtora de reflexão e debate, trazendo aos idosos um reencontro com suas origens, com o passado outrora vivenciado por fatos ou mesmo por lembranças de histórias ouvidas. A regionalidade resgatada na valorização de suas memórias, sempre interligadas com o patrimônio cultural, estabelecendo uma troca de saberes sem sobreposição de conhecimentos por nenhuma das partes. A visita de cinquenta idosos do projeto “Programa Vida Ativa na Vila Nova” foi bastante dinâmica, respeitando a heterogeneidade sociocultural e etária do grupo. As vivências foram explanadas, formando elos ao dialogar o acervo com experiências individuais. A experiência museológica funcionou, pois, como momento dialógico dentro de um processo de familiarização. O público idoso foi, ao mesmo tempo, visitante e agente educacional, elucidando as suas práxis através de conversas abertas e fluídas.

Palavras-chave: Museu; Comunicação museal; Mediação; Pessoa idosa.

Abstract

This monography emerged from “Projeto de Ação Educativa para o Público Idoso: a história percebida e vivenciada através da Exposição Lavras e Louvores”, work developed during one year as trainee at the Museu Antropológico of the Universidade Federal de Goiás. Mediation during guided visits at the exposition operated as reflection and debate producer, reconnecting elderlies to their origins and lived past, through real facts, or heard memories. Regionality was rescued, in a process of valorization of their memories and a link to cultural patrimony. Exchange of knowledge was established without superposition by any part. Visitation by fifty persons of the “Program Active Life at Vila Nova” was very dynamic, always being considered group sociocultural heterogeneity and age. Group experiences were induced by explanations, establishing thus discussions between museum collection and individual memories, a rich process of museological practice through dialogic familiarization. In this process, elder people were at the same time, visitors and educational agents, elucidating their praxis through open and fluid conversation.

Keywords: Museum; Museal Communication; Mediation; Elderly.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01: Indumentária de Ritual de Dança	16
Imagem 02: Layout da Exposição Lavras e Louvores	18
Imagem 03: Pirâmide etária da população do Brasil 2019	20
Imagem 04: Painel de entrada da Exposição	30
Imagem 05: Grupo Programa Vida Ativa Núcleo Vila Nova	33
Imagem 06: Apresentação da exposição e do Museu Antropologico da UFG	34
Imagem 07: Apresentação da exposição e do Museu Antropologico da UFG	34
Imagem 08: Demonstração tátil das bonecas Karajá	34
Imagem 09: Demonstração tátil das bonecas Karajá	34
Imagem 10: Demonstração tátil das bonecas Karajá	34
Imagem 11: Apresentação do Painel de Entrada da Exposição	36
Imagem 12: Apresentação da Exposição	37
Imagem 13: Apresentação da Exposição	37
Imagem 14: Apresentação da Exposição	38
Imagem 15: Apresentação da Exposição	38
Imagem 16: Casa de Sapé, Edifícios, Casa de adobe	38
Imagem 17: Painel com imagens	39
Imagem 18: Apresentação da Exposição	40
Imagem 19: Apresentação da Exposição	40
Imagem 20: Apresentação da Exposição	40
Imagem 21: Apresentação da Exposição	40
Imagem 22: Apresentação da Exposição	41
Imagem 23: Apresentação da Exposição	41
Imagem 24: Registro final da visita.	42
Imagem 25: Idosos respondendo as questões.	45
Imagem 26: Idosos respondendo as questões.	45
Imagem 27: Idosos respondendo as questões.	45
Imagem 28: Idosos respondendo as questões.	45
Imagem 29: Homenagens dos idosos	46
Imagem 30: Homenagens dos idosos	46
Imagem 31: Homenagens dos idosos	46
Imagem 32: Recorte da resposta de uma participante da Ação Educativa	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Público/Quantidade de Visitantes da Lavras e Louvores	19
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PRIMEIRO CAPÍTULO: MUSEU E IDOSOS.....	15
SEGUNDO CAPÍTULO: EXECUÇÃO DO PROJETO E A AÇÃO EDUCATIVA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXOS.....	54

*“Eu vejo o futuro repetir o passado;
Eu vejo um museu de grandes novidades.
O tempo não pára”.*

Cazuza

INTRODUÇÃO

Na tentativa de uma conceituação mais abrangente de museu percebe-se uma relação do papel que ele exerce socialmente e as representações simbólicas que lhe são conferidas como instituição social, incorporando assim, neste conceito, uma multiplicidade de significações na relação dos indivíduos com os seus patrimônios socioculturais. Conforme Godoy, os museus “refletem, de um modo mais ou menos evidente, os interesses, as interpretações de determinados grupos, capazes num dado momento histórico, de fazer valer a suas concepções de mundo” (GODOY, 1997, p. 95). Como espaço de representação social, o museu media ordens simbólicas que lhe dão sentido e ancoram conteúdos diversos. A ação museológica vai além da aquisição, preservação e exposição de um patrimônio cultural. Ela é definida como um processo repleto de narrativas e discursos a partir da relação homem, espaço social e patrimônio cultural.

Em seu sítio eletrônico, o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG)¹ é apresentado como uma instituição sem fins lucrativos, aberta ao público, e que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação de seu acervo. Como órgão suplementar da Universidade Federal de Goiás (UFG) tem vínculo direto com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI). Foi criado pelo Departamento de Antropologia e Sociologia (DAS) da UFG, vinculado ao antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), que após o desmembramento em outras unidades deu origem à Faculdade de Ciências Sociais (FCS).

De acordo com CARVALHO (2018), o MA é um órgão suplementar da Universidade Federal de Goiás. Nasceu do “idealismo e da persistência de professores do então Departamento de Antropologia e Sociologia do antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG, tendo o MA sido fundado em 1969 e inaugurado em 1970” (p.14). O museu foi “idealizado no contexto da modernização da região Centro-Oeste, decorrente do empreendimento de interiorização do país e, comprometido com o ideário de modernidade” (LIMA apud CARVALHO, 2018, p.135).

¹Fonte: <https://www.museu.ufg.br/p/1333-historia>

O MA está na tipologia de Museu Universitário e desenvolve um importante papel como lugar para estudo e pesquisa. Tem como missão a valorização dos saberes, ampliando e difundindo conhecimento e fazendo o trabalho de ponte que interliga objetos e conteúdos simbólicos ao público, proporcionando assim, compartilhamento de experiências.

A Coordenação de Intercâmbio Cultural responsável pelo Setor Educativo do MA atende ao público visitante da exposição de longa duração e das exposições temporárias, através de agendamento.

Para Figurelli (2012), do ponto de vista educacional, os museus são

...vistos como espaços multiculturais e interdisciplinares, como ambientes de contemplação, questionamento, descoberta, ressignificação, mediação, encantamento, entretenimento, confronto e diálogo, os museus possuem grande potencial para oferecer oportunidades educacionais para pessoas de todas as idades, formações, habilidades, grupos sociais e etnias (FIGURELLI, 2012, p.43).

Como atividade proposta para realizar o Estágio Curricular Obrigatório do curso de Museologia, o coordenador da Coordenação de Intercambio Cultural, Adelino Adilson de Carvalho solicitou a construção de um projeto de ação educativa dirigido ao público idoso para a exposição de longa duração *Lavras e Louvores*. *Lavras e Louvores* permanece em exposição no museu há mais de dez anos e foi pensada para estimular a representação simbólica da região Centro-oeste. Aceito o desafio de criar o projeto, o trabalho foi desenvolvido em cinco etapas:

1. Reorganização do material teórico para apresentação da Exposição – Roteiro Programático (Vide no Anexo);
2. Confecção do Projeto com descrição da exposição e esquematização de Ações Educativas;
3. Visita mediada no dia 17 de outubro de 2019. Entrega da Folha Didática da Ação Educativa;
4. Visita ao local do Programa Vida Ativa Núcleo Vila Nova no dia 22 de outubro de 2019 para conversa pós-visitação e recebimento do material da Ação Educativa entregue no dia da visita.
5. Construção do relatório da visita.

A primeira etapa do trabalho, realizada no primeiro semestre de 2019 contemplou a revisão bibliográfica do material disponível no arquivo do Museu a

respeito da exposição, para compreensão das ações educativas/mediações que ao longo do tempo vinham sendo executadas. No material encontrado no MA a respeito da exposição, percebeu-se lacunas importantes para um trabalho eficiente de mediação. Assim sendo, outros referenciais teóricos foram incorporados para complementar o material utilizado nas mediações, buscando uma reorganização para mediar mais adequadamente a Exposição ao público com mais de sessenta anos, levando em conta que cada público de um museu tem suas especificidades.

A segunda Etapa foi a construção do Programa de Ação Educativa em parceria com outra estagiária do departamento e, também, estudante de Museologia Haydée Sampaio. O objetivo foi montar um programa para ser aplicado ao público idoso, ressaltando-se os seguintes pontos: a comunicação museológica como instigadora de um mergulho no passado de forma intermediada, mas permitindo a inserção dos relatos durante todo o percurso; estabelecer uma troca de saberes sem sobreposição de conhecimentos por nenhuma das partes, “aqueles que ensinam e aqueles que são ensinados intercambiam posições; o processo educativo é compreendido como um ato recíproco” (MORSCH, 2009, p.6/32); trabalhar com um processo dinâmico onde mediação/visitação correspondesse aos anseios, respeitando a heterogeneidade sociocultural e etária do grupo; conduzir as vivências explanadas ao diálogo do acervo com experiências individuais e coletivas; e finalmente, o público idoso como visitante e agente educacional.

Por conseguinte, a terceira etapa do trabalho foi a aplicação do programa em uma visita no segundo semestre de 2019. O “Programa da Ação Educativa para o Público Idoso: a história percebida e vivenciada através da Lavras e Louvores” trabalhou a mediação dos objetos da exposição, operando na produção de reflexão e debate, e trazendo aos idosos um reencontro com suas origens, com o passado outrora vivenciado por fatos ou mesmo por lembranças de histórias ouvidas. Nesse processo, a mediação tornou-se instrumento de ligação entre os objetos musealizados e as memórias dos idosos e suas vivências, levando ao resgate da regionalidade, graças à valorização de suas memórias, agora interligadas com o patrimônio cultural.

Diante do exposto, o objetivo desta monografia é apresentar as possibilidades de uma comunicação interativa e integrativa através da mediação de uma exposição nos moldes tradicionais, bem como aproximar as áreas de museologia e comunicação, enriquecendo as reflexões no campo museológico e na práxis museal.

A comunicação museológica, o trabalho de mediação, busca valer-se dos avanços propostos pela Nova Museologia para um novo museu, mesmo nas instituições preservacionistas, mostrando também o quanto o público idoso vem sendo marginalizado dos programas museais. Implícita, a necessidade deste olhar museológico para esta fase da vida humana, com respeito, consideração e integração. Para isso, o presente trabalho está dividido em dois capítulos, a saber:

O primeiro capítulo (MUSEU E IDOSOS) discorre sobre a relação entre cada um desses tópicos: a importância da curadoria para uma exposição; as características que perpassam o trabalho museográfico; a exposição *Lavras e Louvores* e a contextualização do idoso como público escolhido para o trabalho. Cada um deles é trabalhado separadamente para encontrar a melhor forma do trabalho integrativo.

Um capítulo intermediário foi pensado para apresentar as características de interdisciplinaridade na construção do projeto, assim como a sua formatação e intenção de aplicabilidade. No entanto, por ser um trabalho feito em parceria com Haydée Sampaio a escolha foi colocar o Projeto de Ação Educativa e Roteiro Programático em anexo.

Por fim, no segundo capítulo (EXECUÇÃO DO PROJETO DE AÇÃO EDUCATIVA) serão apresentados os detalhes da visita: o detalhamento da Ritxoko como elemento presente na exposição *Lavras e Louvores*; o circuito percorrido da exposição e suas especificidades; e a Ação Educativa e o impacto da atividade.

PRIMEIRO CAPÍTULO: MUSEU E IDOSOS

Os museus, vistos como “(...) instrumento de ação social transformadora se fortaleceu, também, a importância das exposições e das ações educativas como veículos dessa transformação” (MARANDINO, 2008, p.10), precisam servir como instrumento potencializador para socialização do acervo com o público, não somente como agente passivo, mas como participante ativo ao abriremos para um debate direcionado do início ao final do percurso.

A comunicação com o público, trabalhada através da mediação precisa trazer uma nova leitura sobre objetos, seus signos e significados. Essa nova leitura proporciona uma nova perspectiva do mediador com um público que já traz consigo a experiência de vida. O trabalho de comunicação nos museus deve primar pela potencialização dos conhecimentos já adquiridos e gerar novos em torno de suas verdadeiras “comunidades de aprendentes” independentemente de se tratar de grupos escolares, adultos, famílias, visitantes individuais, voluntários ou profissionais (FALK, DERKING, 2000, apud REMELGADO, 2014).

O conteúdo programático utilizado nas ações educativas, atualmente, no MA tem texto superficial. Por este motivo, a intenção foi complementar o conteúdo existente tentando um aprofundamento na descrição dos objetos expostos. Alguns objetos possuíam apenas texto descritivo, sem nenhuma contextualização. Na busca de informações completas nos documentos do arquivo do museu, além de investigar junto aos mediadores, pouca ou nenhuma resposta se obteve. Percebe-se a ausência de um maior cuidado no processo de curadoria e documentação do MA em relação aos objetos da exposição *Lavras e Louvores*.

O processo curatorial ou curadoria possibilita um entendimento sobre o trabalho do museu e expõe as operações que são feitas em torno do objeto musealizado. As ações curatoriais são realizadas por profissionais distintos, que integram informações do artefato até que o mesmo seja designado objeto museológico. No processo curatorial, algumas ações são bem definidas: formação de acervo, pesquisa, salvaguarda (construindo a documentação museológica e garantindo sua conservação), comunicação (exposição e educação). A curadoria faz a organização em torno do objeto, portanto, influenciando todo o processo, e trazendo à luz um importante integrante constitutivo do museu, o público. Este

sujeito ativo é o receptor principal dos museus e do patrimônio cultural musealizado. Para entender o trabalho de curador, Ulpiano Bezerra de Menezes esclarece que:

[...] compreendendo a execução e/ou orientação científica das seguintes tarefas: formação e desenvolvimento de coleções, conservação física das coleções, o que implica soluções pertinentes de armazenamento e eventuais medidas de manutenção e restauração; estudo científico e documentação; comunicação e informação, que deve abranger de forma mais aberta possível, todos os tipos de acesso, apresentação e circulação do patrimônio constituído e dos conhecimentos produzidos, para fins científicos, de formação profissional ou de carácter educacional genérico e cultural (exposições [...], publicações, reproduções, experiências pedagógicas, etc. (MENEZES, 1986, p. 27).

Para uma exposição que objetiva um resgate da cultura regional, uma valoração dos povos originários, parece inadequado algumas peças do acervo estarem expostas, como se colocadas aleatoriamente, sem explicação do contexto, na condição de semióforo². O objeto museológico, exercendo a função de representação da memória, adquire um valor simbólico que consideramos como patrimônio cultural, conseqüentemente, torna-se representante de determinada comunidade, de um tempo ou mesmo de um lugar. Ao perder o seu carácter utilitário, o objeto passa a incorporar uma nova função de representante de um passado ao qual pertenceu. Assim, Pomian (2004) nomeia os objetos que perderam sua utilidade prática de semióforos, sem descartar com isso que alguns possuem a característica de utilidade e significado.

Um exemplo visto no módulo B, intitulado *Louvres*, há um objeto que é ou foi peça de uma dança ritualística de povos indígenas. Entretanto, não há nada sobre esta peça a não ser o descrito na base da vitrine e um pequeno texto no caderno da expografia.

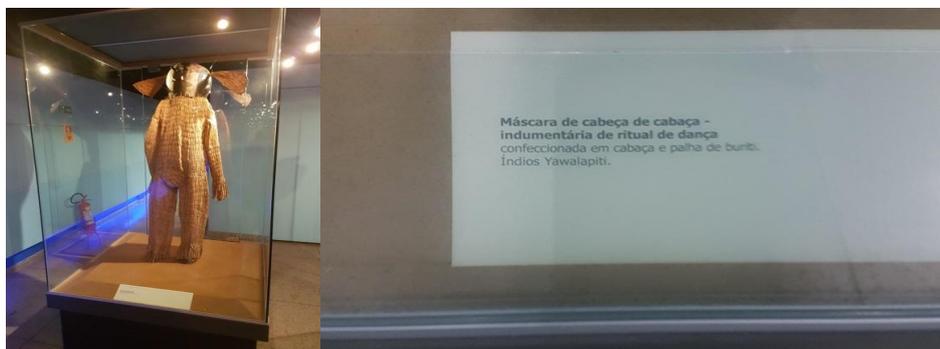


Imagem 01: Indumentária de Ritual de Dança. Arquivo da autora.

² Objetos perdem utilidade para portar significados. Tornam-se testemunhos culturais.

Indumentária de ritual de dança dos Índios Yawalapiti: a cabeça confeccionada em cabaça inteira com figuração de olhos e nariz composta por pedaços de madeira e uma abertura (furo) representando a boca de onde saem dois dentes (presas). O corpo é constituído de armação de fasquias da nervura da folha de buriti presas entre si mediante traçado torcido, compondo braços e pernas cujas extremidades terminam em franjas. Vestimenta de origem xinguana. (Caderno da expografia da Exposição Lavras e Louvores/MA)

O significado dado a um objeto é dinâmico e distinto, pois cada um pode percebê-lo de maneira própria e única. No entanto, não isenta a responsabilidade daqueles que fazem o trabalho museológico de descrever em minúcias as características do objeto, além de trazer sua história e contextualização. Neste caso específico esta indumentária não é uma obra de arte, ou um objeto sem contexto. Como algo utilizado em um ritual religioso o público se vê direcionado a indagações sem respostas. As funções anteriores se tornam de extrema importância para o público. Quando? Por quê? Como? São perguntas frequentemente sem respostas.

De acordo com Zbyněk Stránský (1970 apud MAROEVIĆ, 1994) um objeto ao ser mantido na realidade cotidiana de um museu deve ser considerado um documento da realidade da qual foi retirado. As disputas simbólicas são inerentes ao objeto, mas a narrativa museológica precisa ter lealdade de seu local original. Pois, somente assim, poderá minimizar fraturas que de alguma forma já existem ao se apresentar objetos de crenças religiosas distintas das do público que habitualmente visitará a exposição.

Os museus mediam culturas através do patrimônio cultural musealizado. São verdadeiros santuários da tradição, ao proporcionar eventos e viagens simbólicas e, até mesmo concretas entre pessoas e objetos, fora do tempo, fora do lugar, mas ancorados no mundo (VIDAL, 2001, p. 49). No entanto, esta finalidade só terá eficiência se for feita uma elaboração nos modelos de comunicação museológica para a mediação cultural, onde os objetos musealizados realmente motivem a interação dos sujeitos de culturas diferentes.

Ao apresentar o conjunto de artefatos produzidos para um ritual, é preciso contextualizá-lo com dados básicos, de como foram executados, o tempo de sua preparação, o que significa a matéria-prima, detalhar os passos do ritual, conhecer suas concepções, saber a descrição dos papéis assumidos pelos atores culturais no festejo, saber a finalidade no seu contexto, dentre outros. O

objeto musealizado não alcança o significado do ritual para o grupo, mas minimamente precisa ter veracidade para o público.

A exposição de longa duração *Lavras e Louvores* possui uma característica expográfica com valores muito importantes para o público idoso: o trabalho laboral e a religiosidade. Na velhice, o lugar do fazer, do trabalho, passa a ser substituído pela contemplação e quando esta vem assimilada com o que antes era uma ação o lembrar se transforma no fazer, no atuar.

De acordo com o sítio eletrônico do Museu Antropológico,

Inaugurada em dezembro de 2006, *Lavras e Louvores* foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva da construção simbólica das identidades regionais: o conjunto de imagens, sentimentos, símbolos e objetos significativos da construção dessa identidade. Dessa forma, os objetos são compreendidos como portadores de sentidos, como signos desencadeadores de sentimentos, ideias, conhecimentos, memórias que dizem sobre nossas identidades. (2019)



Imagem 02: Layout da Exposição *Lavras e Louvores*.
Fonte: Livro da Expografia. Arquivo do Museu Antropológico

Conforme imagem 02 nota-se que o desenho da exposição se divide em dois módulos: *Lavras/Paisagem Telúrica* (em laranja) e *Louvores/Topografias Sobrenaturais* (em azul). *Lavras*, à direita, faz uma narração do mundo do trabalho, apresentando processos de transformação da matéria-prima, da natureza, pelo trabalho. O domínio e a evolução dos objetos dos modos de vida domésticos e laboral. *Louvores*, à esquerda de quem entra, faz alusão às representações religiosas e de seus festejos, cultos e rituais no contexto regional, propondo uma reflexão entre a vida prática e a espiritualidade. O culto religioso se tornando culto

festivo, um fenômeno cultural. No campo religioso, pela festa, tanto no sagrado quanto no profano, se reconciliam.

Conforme Carvalho, o público que visita o museu,

Os relatórios de visitação anual elaborados pelo órgão apontam que os visitantes do Museu Antropológico são constituídos, majoritariamente por: público escolar do município de Goiânia e de sua área metropolitana (Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos); alunos do Ensino Superior das universidades públicas e privadas do estado e, em menor número, por pessoas que circulam na quadra em que se localiza o MA e na Praça Universitária; além de turistas e pesquisadores de diferentes proveniências do Brasil e exterior.

Tabela 1 – Público/Quantidade de visitantes de Lavras e Louvres.

PÚBLICO	QUANTIDADE
Educação Infantil e Ensino Fundamental	13.656
Ensino médio	2.677
EJA	89
Ensino superior	6.210
Grupos organizados	1.450
Público Espontâneo	9.475
TOTAL GERAL	33.557

Fonte: CARVALHO, 2018. Relatórios anuais do MA de 2006 a junho 2018.

Ademais, o autor informa ainda que, em suas análises quanto a idade do público visitante, o público idoso quase inexistente; as faixas etárias que sobressaem são “de 15 a 19 anos (43,36%) e de 10 a 14 anos (29,59%) do total da amostra”, esclarecendo que os grupos focais são estudantes. “Nesta amostragem se pode constatar que este é um espaço sem idosos” (CARVALHO, 2018, p.65).

Mas, o que o MA pode oferecer à pessoa idosa? Esses visitantes já carregam em si noções complexas da vida. Pela sua vivência, seus conteúdos empíricos e teóricos o que será visto pode trazer uma representação bastante distinta do público que geralmente frequenta o museu. Quando o esquema apresentado propõe quebrar a observação silenciosa e a reflexão interiorizada, por meio de um estímulo ao diálogo e interação entre eles (espectadores, mediadores) possibilita uma experiência no museu que, não é somente visual e interativa, mas fundamentalmente dialógica. O idoso precisa de liberdade para assimilar novos e velhos conhecidos objetos e arranjos aos seus próprios repertórios prévios de saberes, gosto e fantasia.

Conforme Leibing, (2011), no Brasil se tem a noção de um país sem memória. Essa “perda de memória” é referente aos acontecimentos ruins. De acordo com a autora, citando Roberto DaMatta (1994), isso é parte de uma grande desconfiança no progresso e na justiça social, já que a experiência mais profunda com o tempo coletivo mostra “retornos, reversões e recursividades cíclicas”, “como se fosse impossível exorcizarmos fantasmas do passado (p.32). A velhice é um tempo da vida onde as memórias estão acumuladas.

Uma sociedade para todas as idades possui metas para dar aos idosos a oportunidade de continuar contribuindo com a sociedade. Para trabalhar neste sentido é necessário remover tudo que representa exclusão e discriminação contra eles.” Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento³ (parágrafo 19), Madrid, 2002

O mundo está envelhecendo. O Brasil deixou de ser um país de jovens. De acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS) a idade para considerar uma pessoa idosa é estabelecida conforme o nível socioeconômico de cada país: para desenvolvidos, 65 anos, e em desenvolvimento, 60 anos ou mais.

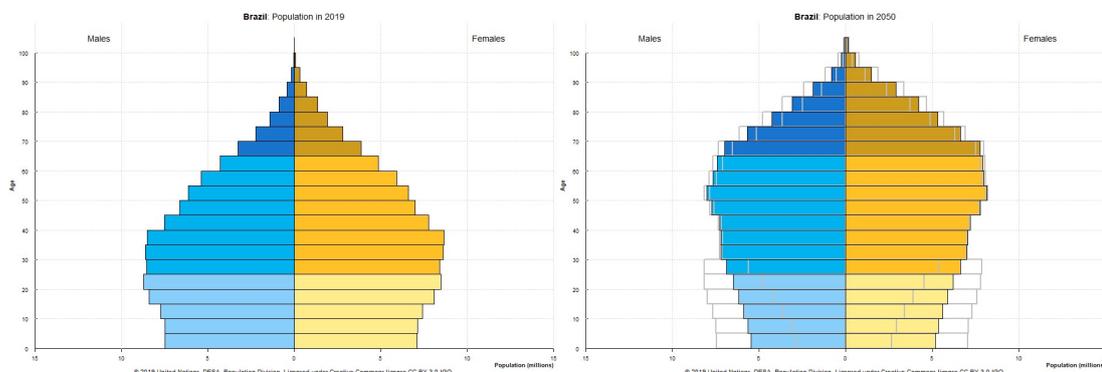


Imagem 03: Pirâmide etária da população do Brasil 2019 fonte: ONU, 2019.

Em levantamento demográfico da Organização das Nações Unidas⁴ (ONU), o índice de longevidade mundial em 2000 era de 65 anos, com previsão de aumento para 76 anos até 2050 (Imagem 03). Esta variação antecipa aumento considerável

³Issue 1: Active participation in society and development. A society for all ages encompasses the goal of providing older persons with the opportunity to continue contributing to society. To work towards this goal, it is necessary to remove whatever excludes or discriminates against them. The social and economic contribution of older persons reaches beyond their economic activities. They often play crucial roles in families and in the community. (2002, p.58) disponível pelo https://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Madrid_plan.pdf.

⁴ Dados encontrados no site oficial da ONU – fonte: www.onu.org

no número de idosos⁵. Para o Brasil, os dados indicam um aumento de 8% em 1999 para 22% em 2050 para a população acima dos 60 anos.

O Brasil tem 10,8% de sua população acima dos 60 anos, cerca de 20 milhões de idosos. Em Goiânia, de 1980 a 2012, a quantidade de idosos (acima de 60 anos) quadruplicou. E a quantidade de idosos acima de 80 anos se multiplicou por oito. Atualmente, a expectativa de vida é de 76 anos. A longevidade foi a maior conquista do sec. XX e o maior desafio do sec. XXI.

Se os dados oferecidos são precisos ou aproximados, o que se constata é que o crescimento da população idosa no Brasil tem provocado uma mudança rápida e acentuada na composição etária da população. Em decorrência, manifesta-se uma grande preocupação multidisciplinar para com este “país que envelhece”.

O envelhecimento da população brasileira é um fenômeno demográfico com constatação científica, que leva a significativo processo de transformação social. A relação entre o crescimento da expectativa de vida e a diminuição da taxa de natalidade é o fator gerador desta modificação social.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶, a expectativa de vida média do brasileiro cresceu quatro anos entre 1991 e 2004, atingindo a marca de 71,7 anos, com as mulheres vivendo em média até os 75,5 anos, e os homens até os 67,9 anos. A previsão para 2015 era que se chegasse aos 74 anos e oito meses, ou seja, mais três anos, segundo dados apurados pela Tábua de Vida⁷ do IBGE (2006). Sobre o crescimento da população idosa, o Brasil se tornará em 2025, o país com a sexta maior população nessa faixa etária. Os idosos representam cerca de 9% da população brasileira. A tendência de envelhecimento da população brasileira manteve a dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. A cada dez pessoas há uma idosa; dentro de 40 anos esta relação atingirá cinco para uma, configurando assim uma estimativa (dados do IBGE, 2007) de uma população bastante envelhecida. Com a taxa de natalidade representando apenas reposição, e não crescimento, com a diminuição da quantidade de filhos por casal, a previsão é que a população de idosos aumentará gradativamente.

⁵ Do ponto de vista institucional e jurídico define-se como idosa a pessoa a partir dos 60 anos de idade, mas uma definição nestes termos não passaria de uma categoria estatística com sérias dificuldades de extrapolar este âmbito.

⁶ IBGE: principal provedor de informações geográficas e estatísticas do Brasil

⁷ Tábua da Vida: cálculo feito pelo IBGE a partir dos índices de mortalidade e natalidade, que sugere a expectativa de vida da população.

Os dados sobre o crescimento da proporção dos idosos em relação aos mais novos denota que o número de idosos no Brasil será quinze vezes maior que o atual, enquanto que o crescimento geral da população será de apenas cinco vezes. A previsão é que em 2050 haverá 2 bilhões de idosos no mundo de acordo com estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo que mais de 80% estarão vivendo em países como o Brasil. A porcentagem de idosos no Brasil irá dobrar de 9% a 18% (2005 a 2022).

Alexandre Kalache,⁸ ao ser perguntado como adequar a sociedade a essa mudança demográfica brutal, foi incisivo ao responder: “Começando a pensar e a planejar já”. Tendo em vista o enorme desafio que os países em desenvolvimento terão se não começarem a pensar e agir sobre o envelhecimento da população imediatamente. “Trata-se de encarar o que poderá se transformar em um problema como uma oportunidade de torná-lo um importante tema da política de desenvolvimento”⁹(KALACHE, 2008).

De acordo com Cohen e Duarte (2005), os espaços, assim como as organizações sociais nele estabelecidas exercem influência na formação da “consciência existencial” do indivíduo, pois a ligação dos usuários com os espaços se caracteriza por uma relação de simbiótica: são de total importância na compreensão da diversidade humana e a relevância da articulação dos espaços edificados e públicos, além da manutenção das trocas entre os meios físicos e sociais, “o ambiente é percebido, assimilado, recebe afetos, toma novas significações, modifica o indivíduo que o usa e retorna a ser alterado em seus valores e significados”. (COHEN e DUARTE, 2005, p.83).

O idoso¹⁰ é detentor de uma experiência única, de conteúdos a serem considerados, pois retrata toda uma história de origem, com uma visão baseada na experiência, e não apenas teórica, como a transmitida por estudiosos. A memória do idoso é, assim, um valor a beneficiar potencialmente tanto os indivíduos e a sociedade como um todo. Ao recordar, o idoso revive o passado, com isso acontece uma atualização do passado. O passado é transformado em presente. Neste sentido, Ecléa Bosi esclarece que “os velhos, postos à margem da ação,

⁸ Alexandre Kalache é médico e pesquisador em saúde pública.

⁹ Dados retirados da Revista Pesquisa Fapesp, nº 145 de 2008.

¹⁰ Segundo a Política Nacional do Idoso (lei nº 8842 de 1994) e o Estatuto do Idoso (lei nº 10741 de 2003), considera-se a pessoa idosa quando esta ultrapassa a idade de 60 anos. A OMS afirma que no lugar onde houver uma população de idosos acima de 7%, ela é considerada envelhecida.

rememoram, fatigados da atividade” (BOSI, 2007, p. 76), ou seja, a atuação deles será a partir da memória daquilo que foi lembrado. E, com esta ação de passar adiante sua experiência, “[...] a faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora” (BOSI, 2007, p. 81).

De acordo com estudos sociológicos e antropológicos, transformações históricas observáveis a partir do processo de modernização desencadearam formas características de seleção da vida humana por períodos, classificando as transições de uma etapa para outra, assim como seus estágios internos. Conforme Debert (1999), o processo de individualização por faixas etárias ocorreu com a modernidade¹¹, pois a industrialização desencadeou novos paradigmas, dentre eles a mudança na forma de qualificar uma sociedade. Os estágios da vida passaram a ser organizados pela idade cronológica.

No curso da vida foram envolvidas as dimensões do mundo familiar e do sistema produtivo do indivíduo, ou seja, sua inserção no trabalho, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas. Estes esquemas cada vez mais trabalham com grupos etários específicos de acordo com a finalidade pretendida. “O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados” (PAPALÉO NETTO, 2011, p.10).

Nesse processo, o envelhecimento físico ou a idade legal passaram a ser mecanismos de classificação e separação dos indivíduos, que passaram a ser designados socialmente como idosos, adultos, jovens, adolescentes ou crianças. A idade cronológica acaba, pois, determinando a posição de permanência do indivíduo no núcleo social, e uma das consequências desta classificação é tornar-se fator gerador de segregação na sociedade onde este está inserido.

Se a população está envelhecida como nunca antes, a sociedade continua agindo como se o idoso continuasse marginal. No entanto, há que se perguntar:

¹¹A modernidade restringe-se a um certo período histórico, a uma certa organização cultural, socioeconômica e a certos costumes e estilos de vida que emergiram na Europa em torno do século XVII, cujas influências foram se desdobrando e se tornando mundiais. Uma das consequências da modernidade é o processo de globalização que entre outras coisas gera o desenvolvimento desigual tanto do ponto de vista econômico quanto social (GIDDENS, 1991). Este paradigma da modernidade, que começou mais ou menos no século XVII e vai até meados do século XX, foi o grande modelo europeu que se apoiou sobre a razão e o progresso, ambos motores da organização das sociedades, sendo que, de acordo com esse modelo, a vida social é organizada de forma racional.

Que valor nossa sociedade dá à velhice?

O vergonhoso valor de um salário mínimo para a maioria dos nossos velhos, cujo mesmo não compra todos os remédios necessários? Ao tratar a pessoa idosa de maneira estereotipada fazemos dela nosso próprio espelho, o espelho do futuro. Envelhecer é questão de tempo, e o tempo, infelizmente, não perdoa ninguém (SOUZA, 2007, p.107).

Os programas que fazem referência aos problemas sociais da população idosa e ao seu crescimento gradativo nas primeiras décadas do século XXI ressaltam que o quadro de discriminação, segregação e descaso levam à consideração de que o velho é:

[...] discriminado, inativo, vivendo em condições precárias e em situações de perda do status, do prestígio e das relações funcionais decorrentes do trabalho [...]. Consequentemente temos um idoso em crise: crise de identidade, que o leva, na maioria das vezes, à retração, à volta a si mesmo, à síndrome de pós-aposentadoria caracterizada pelo isolamento, pela solidão, pelo desinteresse pela vida, alcoolismo, divórcio, decrepitude, senilidade, morte social e morte física (SÁ, 1991 citado por DEBERT 1999, p.148).

A cidade e os elementos urbanos escrevem a história de sua concepção, junto à de seus ocupantes. Assim, suas formas e seus espaços formam laços afetivos que irão congregar valores sociais, constituindo referências de tempo da sociedade, por fim definindo a sua identidade. A cidade, a história e a cultura de seu povo estão evidentes nos elementos construídos. De acordo com Carlos (1994), a “paisagem é uma forma histórica específica que se explica através da sociedade que a produz, um produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão” (CARLOS, 1994, p. 56).

Existe uma ligação perene entre identidade urbana e a ação do homem. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através da Carta de Brasília¹² de 1959, define identidade “como uma forma de pertencer e participar”. Ademais, é por isso que “somos capazes de encontrar nosso lugar, nosso nome ou nossa personalidade, não por oposição, mas porque descobrimos vínculos verdadeiros que nos ligam ao destino das pessoas com as quais compartilhamos da mesma cultura.” (IPHAN, 1995, p.2).

¹²A Carta de Brasília, de 1959, diz respeito ao Documento Regional do Cone Sul sobre Autenticidade. Ela constitui uma das Cartas Patrimoniais e encontra-se disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=265>, Acesso em: 03 de março 2008.

A velhice é um caminho natural do ser humano, e não algo que acontece de repente, ou uma fase transitória. É preciso começar um trabalho efetivo nos espaços culturais no arranjo de “lugares” de integração entre as pessoas, tenham a idade que tiverem. A inclusão¹³ social no espaço fechado ou aberto tem a capacidade de estabelecer trocas, estimular a formação das relações, valorizando as experiências coletivas sem causar o esfacelamento da individualidade. Com autonomia¹⁴ e independência¹⁵ o idoso aprende a ressignificar suas perdas e ganhos.

Os museus como espaço de representação social e a serviço da sociedade, precisa trabalhar de maneira mais efetiva e inclusiva em relação ao público idoso. Com uma participação mais efetiva nos planos das ações sociais com respeito às necessidades diferenciadas dos idosos e objetivando atitudes pontuais, se tornarão agentes de interação social.

Os museus, conforme dito por Matteucci são detentores de memórias. Mas, contrariando o que se conhece, as deles são dinâmicas, assim:

O Museu, concebido não somente como lugar de memórias, mas lugar onde estas memórias se criam, recriam, reinventam, reforça sentimentos, identidades de uma comunidade, não sendo reconhecido somente como um espaço destinado ao deleite, ao saber, cujas atribuições estão relacionadas a coleta, salvaguarda, preservação e comunicação dos bens culturais. São concepções acerca das funções sociais do museu, em sua capacidade de inserir e transformar a sociedade. (MATTEUCCI, 2017, p.31)

A experiência museológica pode funcionar como momento dialógico dentro de um processo maior de familiarização. O que é desconhecido é apresentado de forma estranha, de forma que a observação de um objeto musealizado pode necessitar de aplicações da teoria da recepção¹⁶, pois as percepções são influenciadas pelo que

¹³Inclusão é o “[...] processo de mudança do sistema social comum para acolher toda a diversidade humana” (ASHTON et al, 2013, p. 519), envolvendo adaptação, atitude humana e novos parâmetros.

¹⁴ Autonomia – capacidade de decisão individual, ter comando sobre as próprias ações (cognitivo – humor). Cognição – compreender e resolver problemas do cotidiano (perceber e agir). Humor – motivação para os processos grupais

¹⁵Independência – realizar algo com os próprios meios. Atuam com dois aspectos: Mobilidade – capacidade de deslocamento. Comunicação – estabelecer relacionamento produtivo com o meio.

¹⁶ Teoria da Recepção é uma teoria que analisa o fato artístico ou cultural que enfoca sua análise em quem a recebe. Stuart Hall, 2006, afirma que o processo de comunicação possui momentos interligados, porém são independentes. A *produção* (forma de veículos simbólicos, signos, estabelecidos dentro das regras da linguagem), a *circulação* (forma discursiva - o discurso produzido no processo de codificação de um conteúdo) e a *reprodução/consumo* (tradução do discurso, pode ser compreendido ou não por parte dos receptores de acordo com o que os emissores pretendem).

acontece fora das paredes do museu, e faz parte de um sistema expositivo cada vez mais comprometido com experiências de veículos de comunicação de massa.

De poucas ações se tem conhecimento em relação à pessoa idosa dentro do curso de Museologia/UFG. Janice Matteucci fez um movimento contrário. Envolvida no trabalho da Associação de Idosos(as) há muitos anos, ainda como estudante de museologia, teve a ideia de intervir na instituição. Começou a trabalhar para construir um Ponto de Memória e um Museu de Idosos.

O Museu de Idoso(a) do Brasil pretende construir uma política de memória social justa para a população da terceira idade no município de Goiânia. Será uma instituição que irá dialogar com as perspectivas de um museu histórico, antropológico, social, comunitário, onde o saber, o fazer, será um ponto da política do museu. Este atuará na cidade de Goiânia, sob a tutela da Associação de Idosos do Brasil contando com diálogo intergeracional. (Livro de Tombo do MAIB, 2016, pág. 01 apud MATTEUCCI, 2017, p.50)

Há quem questione sobre a forma que a sociedade percebe este tipo de museu. Questiona-se até que ponto estas atividades não segregam fazendo com que as “coisas de idosos são só para idosos”. Críticas à parte, o importante são as atitudes. Se os trabalhos começarem a ser mais volumosos, a possibilidade de modificação no *ver* o museu e o idoso serão cada vez mais assertivas.

O acesso da pessoa idosa em um espaço cultural como o MA, que tem seu público usual formado pela comunidade acadêmica e escolar, por se tratar de um museu universitário, permite um novo movimento tanto da instituição como do público. A experiência museal é compartilhada visando a construção de conhecimento, com comprometimento e intencionalidade para renovação social. O público idoso será o visitante e o agente educacional, elucidando as suas práxis através de uma conversa aberta e fluida.

A pessoa idosa carrega em si noções complexas da vida familiar e social. Segundo Ecléa Bosi, “quando os velhos se assentam à margem do tempo já sem pressa – seu horizonte é a morte – floresce a narrativa” (BOSI, 2007, p. 88). Seus conteúdos empíricos e teóricos podem trazer uma representação distinta do público que geralmente frequenta o museu. Se a oferta é de um programa que propõe romper com observação silenciosa e reflexiva, estimulando o diálogo e interação entre todos os que participam da visita, a experiência museal passa a ser dialógica e

interativa. Esclarece Mário Chagas, que “observa-se a valorização dos direitos à cultura, à memória, ao patrimônio e ao museu como direitos de todos, como direitos de todas as camadas sociais, de todos os grupos étnicos.” (CHAGAS, 2002, pg. 06).

O museu passou a ser visto como espaço de aprendizagens múltiplas, experiências lúdicas e práticas educativas diversas. As instituições estão observando o quão se faz importante a interatividade no ambiente museológico.

Museus constituem uma indicação clara de que o mundo museal no Brasil está em transformação. Já não são apenas os palácios de reis, príncipes, princesas e nobres; as casas de presidentes, ministros e políticos poderosos; as moradias de empresários e artistas bem sucedidos economicamente ou as residências de colecionadores abastados que produzem museus e conquistam um lugar entre os lugares de memória que constituem a memória social. Observa-se a valorização dos direitos à cultura, à memória, ao patrimônio e ao museu como direitos de todos, como direitos de todas as camadas sociais, de todos os grupos étnicos (CHAGAS, 2002, pg.06).

Os novos (mas não tão novos) conceitos de museus e museologia promovem uma ressignificação dos espaços, dos objetos musealizados e da comunicação elaborada para apresentá-los. Como escreveu Bittencourt, “enquanto o museu “tradicional” contempla, o “novo museu” age” (2010, pg.38). Porém, o que este programa pretendeu foi incorporar estes conceitos dentro do espaço tradicional. No lugar de criar novos espaços para aplicar os conceitos inovadores para podemos tentar usar a criatividade e trazer uma reinvenção para o museu tradicional. Se na Carta de Quebec¹⁷, reafirmando o que se iniciou com a Carta de Santiago do Chile¹⁸ onde surge a ideia de uma museologia ativa e se pretendia “mudanças no foco das ações museológicas: da exclusiva preservação do objeto para a promoção social”, a negação do quão forte é o tradicional poderá manter um círculo vicioso e continuarmos patinando em teorias.

¹⁷ Carta de Quebec: Princípios de base de uma Nova Museologia 1984. Resultado de um evento realizado por um comitê internacional em Quebec, Canadá, onde estão os princípios base de uma Nova Museologia, com propostas a serem consideradas de forma universal e orientando para que a Museologia atue de forma ampla com apoio da interdisciplinaridade e a utilização dos novos meios de comunicação, tendo como principal foco a função social do Museu.

¹⁸ Carta de Santiago descreve o museu como instituição que é parte integrante e atuante da sociedade, que participa da formação de consciência das pessoas e grupos, situando suas atividades em quadros históricos, sociais, culturais e econômicos de forma a esclarecer os problemas atuais e contribuir para o engajamento dos indivíduos na transformação do contexto social em que vivem.

Na Declaração de Caracas¹⁹, 1992, cria-se um marco nas discussões teóricas sobre a função dos museus. “A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação” (ICOM, 1999, p. 250), e que “os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais”. (ICOM, 1999, p. 250- 251). A comunicação museal ampliando e expandindo dentro do espaço museológico. Museus como espaço de comunicação integrada.

De acordo com Chagas, os museus podem ser também, “campos de disputas, discursos, espaços de interpretação, arenas políticas, narrativas e práticas sociais” (CHAGAS apud MARTINS, 2009, p.219). Ademais, “a imaginação museal é reflexo ideológico daquele que concebe o museu, dando corpo ao processo de comunicação por meio dos objetos” (MARTINS, 2018, p.39). A preservação não é a característica principal da imaginação museal, mas a forma que uma determinada narrativa articula os objetos do passado ou do presente, dando, pois, estrutura ao processo de comunicação.

Quando a comunicação do museu se engessa em programas que se interessam em passar a informação do objeto, sem produzir uma nova narrativa a partir das descrições, acontece o que, segundo Ecléa Bosi, “a arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação” (BOSI, 2007, p. 86). Desta forma acontece a ruína do mediador, que pode também ser considerado um narrador. O mediador precisa narrar a história do objeto. Se a preocupação for apenas informar, o trabalho será débil e não provocará uma contrapartida do visitante. A comunicação interativa e integrativa “investe sobre o objeto e o transforma” (BOSI, 2007, p. 88).

¹⁹ Documento resultante do Evento realizado em Caracas, Venezuela, 1992. Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios” feito por dirigentes de museus de países latino-americanos e pelo ICOM.

SEGUNDO CAPÍTULO: EXECUÇÃO DO PROJETO E A AÇÃO EDUCATIVA

O Projeto da Ação Educativa foi elaborado em parceria com outra estagiária da Coordenação de Intercâmbio Cultural e, também, estudante de Museologia, Haydée Sampaio²⁰ (segue autorização para utilização em anexo). O trabalho foi desenvolvido com interdisciplinaridade, utilizando áreas de domínio das autoras: museologia, gerontologia, arquitetura e artes visuais, podendo assim, desenvolver uma linguagem rica e diferenciada na comunicação da exposição. As duas etapas: Construção do Projeto e Roteiro Programático foram feitos em parceria e ambos seguem em anexo. Ademais, uma cópia do projeto foi entregue ao MA para que seja utilizado pelos profissionais e estagiários do órgão.

No roteiro programático foram utilizadas as informações disponíveis nos arquivos da Coordenação de Intercâmbio Cultural, acrescido de outros conteúdos elaborados com revisão bibliográfica pelas duas estagiárias (Haydée Sampaio e Tania Moura). A intenção de complementação do material existente foi aumentar o repertório para os mediadores da exposição, assim como sugerir provocações e debates sobre o que se vê e o que se percebe durante uma visita. Algumas frases foram usadas como instrumento de reflexão, podendo ser evocadas ou não por quem media.

A comunicação da exposição possui algumas dificuldades, tais como o tamanho e localização das etiquetas, legendas e projeções audiovisuais. As informações para um leigo são complexas, mais um motivo que exige dos mediadores uma condição quase de abstração dos textos para comunicar o objeto com o visitante. Exemplo de texto logo no painel de entrada da exposição:



Imagem 04: Painel de entrada da Exposição. Arquivo da autora.

²⁰ Haydée Sampaio: Estagiária do Museu Antropológico da UFG, graduanda em Museologia/UFG. Formada em Artes Visuais/FAV/UFG.

Como, desde o início deste projeto, a intenção é de uma comunicação interativa, torna-se importante citar o texto do painel de abertura (Imagem 04):

A representação cristalizada da região Centro-Oeste – textualizada nos livros escolares e na historiografia oficial – narra a região através de sequências temporais estratigráficas: primeiramente a região, definida como sertão, é pensada como lugar inóspito, espaço de bichos e índios igualmente perigosos. Depois, a lenta moção da civilização com as entrada e bandeiras, a descoberta do ouro, os pequenos aglomerados de população, as lavouras de subsistência e a criação de gado. Este é o tempo do isolamento. Em seguida, com o fim da mineração, a longa estagnação ou decadência cuja reversão exigiu novas entrada e bandeiras: a Marcha para o Oeste, as linhas da estrada de ferro, a integração da região a nação, a realização do capitalismo, enfim a tão desejada modernização que conquista e recobre o sertão. Este é o mito do desenvolvimento e de modernidade. A exposição *Lavras e Louvores* se propõe a contar a região de outro modo. Este é um contar que recusa a sequência temporal – da natureza à civilização – em favor de uma representação da região feita de imagens e textualidades simultâneas e conflitivas. Aqui, os fios desse modo de narrar são os trabalhos e as religiosidades, não porque eles exprimem a verdade da região, mas porque, dado que as representações regionais são também inventadas, eles são bons para pensar deslocamentos, trânsitos e zonas de contato. Com essa exposição, o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás quer, usando a ação cultural como um instrumento reflexivo e político, contestar as continuidades e congruências das narrativas modernas sobre a região por meio de um texto em processo, provisório e sem solução. Este texto não termina firmando o triunfo da modernidade sobre um sertão mudo. Ele começa com a escuta do sertão.

Este texto possui termos que dificilmente um visitante que não for acadêmico (de área bem específica) irá entender. Apesar de ser um museu do tipo universitário, a maioria dos visitantes são estudantes do ensino básico. De acordo com Michele Martins, ao analisar o painel de abertura:

Há também um conjunto de expressões que exigem um alto grau de conhecimento para o devido entendimento como “textualidades simultâneas e conflitivas”, “moção da civilização”, “narrativas modernas” e “sequências temporais estratigráficas”. Uma exposição que se propõe ser inteligível usaria outro tipo de estratégia desde o seu painel de entrada, ficaria dependente do apoio de mediadores para explicar o significado destes termos. Vale ressaltar para fazer diferença, os mediadores devem ser devidamente capacitados quanto ao conteúdo informativo, mas sabe-se que, na atual realidade dos museus brasileiros, a capacitação de mediadores é precária, com o risco de conceitos e informações equivocadas estarem sendo disseminados. (MARTINS, 2018, p.72)

De acordo com o sítio eletrônico²¹ do MA:

Lavras e Louvores foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva da construção simbólica das identidades regionais: o conjunto de imagens, sentimentos, símbolos e objetos significativos da construção dessa identidade. Dessa forma, os objetos são compreendidos como portadores de sentidos, como signos desencadeadores de sentimentos, ideias, conhecimentos, memórias que dizem sobre nossas identidades. A Exposição inaugura outro modo de dizer a Região; os instrumentos de trabalho, os objetos rituais religiosos e as imagens telúricas e de pessoas foram escolhidos para dizer que toda região é uma construção cultural ou simbólica à espera de interpretação e não uma realidade externa independente de nós. Construindo a narrativa de Lavras e Louvores, o novo design das salas de exposição, o mobiliário, os suportes, as cores, as texturas e a iluminação se articulam com as imagens, os textos, as instalações, as ilustrações e uma diversidade de peças, selecionadas das coleções que compõem os acervos etnográfico (indígena e popular) e arqueológico sob salvaguarda do Museu Antropológico. (texto extraído do site, 2019)

A exposição *Lavras e Louvores* se divide em dois módulos “Paisagem Telúrica” e “Topografias Sobrenaturais”. Com base nessas informações o projeto foi pensado e, posteriormente, executado. A sua aplicabilidade ocorreu por meio de uma mediação, pensada para não ser uma simples exposição de objetos e dados históricos. Houve uma preocupação em trabalhar de forma flexível a origem, as características físicas, a materialidade e a imaterialidade dos objetos expostos instigando o recordar, as lembranças, mas provocando sensações nas imagens de outrora, mas trazendo o oposto da atualidade.

De acordo com Bosi, “a lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado” (1994, pg.81) onde trabalhar a reflexão e a localização com sentimento inserido neste resgate, ela atuará não como repetição do passado, mas como um novo aparecimento que com seus significados darão sentido à contemplação. A memória, portanto, possui sua função social.

No contato com a gerontóloga e coordenadora do projeto “Programa Vida Ativa Núcleo Vila Nova²²”, a professora Joelma Cristina Gomes, foi agendada uma visita mediada para o dia 17 de outubro de 2019 com um público estimado de cinquenta idosos. Apesar da quantidade de visitantes ser elevada para uma

²¹<https://museu.ufg.br/p/1326-lavras-e-louvores>

²² Programa Vida Ativa - Núcleo Vila Nova é uma política pública da Prefeitura de Goiânia desenvolvida pela Agência de Turismo, Eventos e Lazer (AGETUL) com o objetivo de proporcionar mais qualidade de vida às pessoas idosas.

mediação eficiente, principalmente por se tratar de um público com características peculiares, o desafio foi aceito.

A equipe da Coordenação de Intercambio Cultural participou ativamente na recepção do grupo. Estavam presentes os seguintes colaboradores: a estagiária do curso de História Erica Pereira de Souza Nunes²³, o estagiário do curso de Comunicação Rafael Paulino Borges²⁴, e as estagiárias do curso de Museologia Haydée Sampaio²⁵ e Tania Mara da Silva Moura²⁶.

Alguns participantes chegaram à frente do edifício do MA no horário pré-estabelecido, outros tiveram dificuldades de encontrar pela falta de sinalização adequada e pelo desconhecimento dos transeuntes quando perguntados da localização, o que provocou atraso no início dos trabalhos.

Faz-se necessário o adendo sobre a sinalização do museu. A sinalização indicativa externa, tanto para pedestres como para veículos, é fundamental para os museus e centros culturais. A comunidade, os transeuntes, os turistas precisam saber da sua existência. A placa com o nome do MA é quase imperceptível em relação à escala da edificação. Os museus são portas de entrada para quem visita a cidade, portanto, devem estar sinalizados externa e internamente de maneira adequada para que sejam identificados como espaços culturais. Pois são, de fato, espaços privilegiados de cultura que preservam e contam histórias locais. O MA pode se transformar em um atrativo para os visitantes locais, como também, despertar interesse de quem chega, mas para isto precisa ser visto. Uma sinalização eficiente reduz estresse e gera sentimento de segurança.

Após a integração do grupo alguns registros fotográficos foram feitos (Imagem 05) e o grupo foi encaminhado ao mini auditório onde se iniciaria a aplicação do programa.

²³ Acadêmica de História do IFG. Estagiária na Coordenação de Intercâmbio Cultural do Museu Antropológico da UFG.

²⁴ Acadêmico de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás e estagiário na área de Comunicação e da Coordenação de Intercâmbio Cultural do Museu Antropológico da UFG.

²⁵ Acadêmica de Museologia pela Universidade Federal de Goiás. Estagiária na Coordenação de Intercâmbio Cultural do Museu Antropológico da UFG. Graduada em Artes Visuais pela UFG.

²⁶ Autora deste trabalho.



Imagem 05: Grupo Programa Vida Ativa Núcleo Vila Nova.
Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

O encontro aconteceu na porta do Museu Antropológico às 08h15min do dia 17 de outubro de 2019, conforme acordado. A pontualidade faz parte deste grupo de pessoas que apesar das limitações físicas características do avanço da idade, da pouca acuidade auditiva e visual, mantêm uma ordem e uma disciplina ímpar nos seus compromissos firmados, apesar do problema da sinalização, já mencionado.

Uma breve apresentação do museu e da exposição foi feita pela estagiária Erica Nunes que explicou as funções do museu com tipologia universitária e deu os primeiros informes sobre a exposição *Lavras e Louvores*. Na sequência, Haydée Sampaio e eu, complementamos com a demonstração das bonecas Karajá (Imagem 06 e 07). Como os objetos da exposição estão dentro de vitrines e, portanto, não podem ser tocados, a mostragem do que veriam serviu para aproximar o visitante do objeto musealizado, além de contextualizá-lo quanto a sua forma de produção e origem. Com a apresentação e demonstração tátil das bonecas Karaja, os visitantes fizeram perguntas e se familiarizaram com os objetos.



Imagem 06 e 07: Apresentação da exposição e do Museu Antropológico da UFG.
Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

O contato com objetos similares ao que iria ser visto na exposição, no caso as bonecas Karajá ou Ritxoko (imagens 08, 09 e 10) proporcionou uma experiência sensorial prévia e gerou vários questionamentos. Ledo engano considerar que os idosos iriam deixar de observar detalhes de cor e forma, assim como os significados intrínsecos nas bonecas.



Imagem 08, 09 e 10: Demonstração tátil das bonecas Karajás. Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

Ritxoko ou Boneca Karajá

Em conversa com Vanessa Hatxu De Moura²⁷, indígena pertencente ao povo Iny, também conhecido como “povo Karajá”, explicou que as Ritxoko são mais que objetos feitos com barro, palha ou madeira, eles são carregados de significados, de

²⁷ Vanessa é estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás. É minha colega na Disciplina de Núcleo Livre Patrimônio e Museu e tem me ensinado muito sobre o seu povo.

acordo com ela possuem o Sagrado. De acordo, Célia Xakriabá²⁸, confirma ao explicar sobre os objetos de barro produzidos pelos povos indígenas:

Aquele objeto é muito mais do que um produto em si, possui uma imaterialidade, uma subjetividade que carrega valores simbólicos. A cada peça de barro que vai sendo produzida e vai ganhando cor com os pigmentos do toá, cada detalhe carrega parte do território que vai sendo constituído, uma vez que a relação com o barro está intrinsecamente ligada ao território, não apenas como lugar de morada do corpo, mas também no que se re-apresenta como lugar sagrado de morada da alma. (XAKRIABÁ, 2018, p.42)

Ainda conforme fala da Vanessa, a maioria das pesquisas divulgadas foram realizadas por pessoas não indígenas, e não refletem as memórias e sentimentos dos Iny. “Antes de ser consideradas patrimônio Cultural pelo IPHAN, já é patrimônio para nós, pois não é apenas uma produção feita com barro carrega subjetividade”. As Ritxoko possuem um complexo processo de construção e são confeccionadas por mulheres desde que não estejam no período menstrual, pois estas não podem pegar no barro nem na cerâmica, “o período que estão com “*halyby*” período de sangramento são consideradas impuras”.

Nesta perspectiva, o processo inicial a finalização dessas bonecas carregam significados, histórias, memórias e mitologias. E carregam uma complexidade de significados, acredito que essa complexidade e significados precisam ser expostos, quando a Ritxoko é feita precisa ser pintada com a tinta de jenipapo e urucum. (informação verbal e escrita de MOURA para a autora, 2019)²⁹

Sobre a complexidade da confecção, ela esclarece que apenas uma madeira específica serve para queimar a boneca de cerâmica Ritxoko. Cada boneca é um processo e não somente um produto. E que o processo é ensinado pelas anciãs que repassam as tradições para os demais.

De acordo com Silva (2013), o projeto *Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia*³⁰ que subsidiou o registro desse artefato como

²⁸Célia Nunes Correa, com nome indígena Célia Xakriabá, membra do Povo Indígena Xakriabá, comunidade localizada no norte do estado de Minas Gerais. Mestre no Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável (PPGPDS), Área de Concentração em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais da Universidade de Brasília/UnB.

²⁹ Idem referência 27

³⁰ De acordo com sítio eletrônico do IPHAN, a proposta de registro como patrimônio cultural foi apresentada ao Iphan pelas lideranças indígenas de cinco aldeias: Buridina e Bdè-Burè, em Aruanã (GO); e Santa Isabel do Morro, Watau e Werebia, na Ilha do Bananal (TO), com anuência de

Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, as bonecas estão registradas nas categorias ofício e modos de fazer e formas de expressão. Esse registro foi aprovado em 25 de janeiro de 2012. A expressão cultural foi registrada como *Ritxòkó: Expressão artística e cosmológica do povo Karajá e Saberes e práticas associadas ao modo de fazer Bonecas Karajá*.

PERCORRENDO A EXPOSIÇÃO

Após a apresentação oral do no mini-auditório o grupo foi encaminhado para o hall do Museu, logo na entrada de *Lavras e Louvores*, onde se encontra um painel com um texto descritivo sobre a proposta da exposição (Imagem 11). A exposição foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, assim como instiga a uma quebra de paradigma sobre o que conhecemos na historiografia. Apresenta, também, a “perspectiva da construção simbólica das identidades regionais: o conjunto de imagens, sentimentos, símbolos e objetos significativos da construção dessa identidade”.



Imagem 11: Apresentação do Painel de Entrada da Exposição.
Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

Como o grupo era numeroso para mediação única, definiu-se pela divisão em dois grupos. Ao entrar na sala de exposição fizemos o pedido para diminuição do volume da música de fundo da exposição. Este por sinal é um ponto que merece atenção. O som com o volume mais alto atrapalha a comunicação durante a

membros das aldeias Buridina, Bdê- Burè e Santa Isabel do Morro. O registro teve como base a pesquisa Bonecas Karajá: Arte, Memória e Identidade Indígena no Araguaia, iniciada em 2009, e realizada por pesquisadores do Museu Antropológico da UFG, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, sob a coordenação das superintendências do Iphan em Goiás e Tocantins, e supervisão do DPI.

mediação. O propósito era uma mediação interativa com os visitantes e não contemplativa, o que tornou o recurso de áudio inadequado. Além disso, alguns integrantes tinham acuidade auditiva diminuída e a voz da mediadora seria inaudível.

As estagiárias Erica Nunes e Haydée Sampaio faziam a mediação, enquanto eu me responsabilizava por dar suporte para as duas equipes (imagem 12 e 13). A visita se iniciou pelo módulo Lavras. Após a apresentação das fotos Paisagens Telúricas, o primeiro grupo seguiu para a primeira vitrine enquanto os demais continuaram a dialogar com as imagens (Imagem 12). Era comum ouvir o comentário sobre a intimidade com um determinado lugar ou objeto exposto.



Imagem 12 e 13: Apresentação da Exposição. Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

Os olhos atentos e curiosos dos visitantes observavam detalhes e indagavam sobre eles. A cada vitrine apresentada os visitantes dialogavam com os objetos como que se redescobrimo através deles. Na vitrine n. 4, (Fóssil Humano – Homem do Rio das Almas), ao ouvir sobre o significado da Flor da Terra do texto descritivo uma visitante disse: - Eu quero ser um fóssil para ser assim estudada (Imagem 13). Apesar de uma frase um tanto curiosa, pode-se perceber que houve ali uma interação dela com a terra, com a natureza, com a vida e com a morte de uma forma leve e sem preconceitos.



Imagem 14 e 15: Apresentação da Exposição. Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

Com a mediação funcionando como laboratório de estudo era preciso atenção e cuidado com todos os detalhes de emissão e recepção. Quase nada passava despercebido (Imagem 14 e 15). A elaboração do Roteiro Programático (Vide no anexo) foi de grande valia na preparação da comunicação, no entanto, percebeu-se claramente que o significado do objeto é matéria viva e instável.

Em frente ao painel com imagens de edificações (Imagem 16) foi pedido que os visitantes observassem por alguns instantes em cada uma delas. Após uma breve observação silenciosa o mediador fez algumas indagações: se alguém conhecia de perto aquelas edificações?; se habitam ou habitaram em uma das tipologias?; o que se lembravam?; o que sentiam ao ver aquelas imagens? Uma questão foi colocada e pedida para que registrassem: “O que voce vê da sua janela?”



Imagem 16: Casa de Sapé, Edifícios, Casa de adobe.
Arquivo da autora.

As imagens constituem contextos e sugerem interpretações. Apesar das tipologias apresentarem a cidade com seus arranha-céus, um assentamento de sem-terra da região da Cidade de Goiás e uma fazenda com uma arquitetura típica

das regiões rurais, a ideia não era se ater a conhecimentos históricos, mas criar vínculos afetivos entre o passado e o presente e aplicar a Ação Educativa “Uma imagem, uma casa” que foi elaborada junto com o projeto. As respostas para as perguntas constantes na folha didática seriam entregue posteriormente, conforme feito.

Várias falas foram significativas, mas algumas serviram como marcadores para a análise futura do trabalho do mediador. No painel de imagens onde há demonstração de processos educativos da educação indígena, fonte de pesquisa já realizadas no MA, formal e não formal (Imagem 17). Os visitantes foram instigados a pensar na forma que foram educados e da importância da educação que é passada pela tradição, pelos usos e pelos costumes.



Imagem 17: Painel com imagens. Arquivo da autora.

Uma visitante questionou sobre os indígenas brasileiros contrapondo com os americanos. A arguição dela foi o porquê os “índios brasileiros são tão atrasados e os americanos são adaptados e inseridos a sociedade” (palavras da idosa). Destituída de julgamentos convidei-a a pensar junto sobre esta questão, mostrando com respeito outra perspectiva. Olhares atentos prestavam atenção a cada conteúdo exposto. Ao final, com olhar de agradecimento, a idosa disse que nunca havia pensado por aquele ângulo e que ninguém havia lhe explicado daquela forma. Momentos como esse fazem o intercâmbio de conhecimento, a reciprocidade entre o visitante e o mediador como fonte de fortalecimento do trabalho no museu.



Imagem 18 e 19: Apresentação da Exposição. Arquivo da autora.

A cada fala era sugerida a participação do grupo e em todas as sugestões havia algo a se dizer. Cada texto, um novo contexto se abria com as colocações vivenciadas pelos visitantes ou por alguma curiosidade despertada. As Ritxoko, que contam o desenrolar da vida Karajá, (imagem 18) foram recebidas com contentamento, graças ao contato anterior com objetos similares no mini-auditório do MA.

Na vitrine *Simulacro?* (Imagem 19) as prateleiras com desenhos de épocas passadas e seus objetos de uso comum nas áreas rurais colocados juntos com aqueles encontrados nas lojas de comércio popular despertaram admiração por serem tão presentes nas vidas dos visitantes.

Em Louvores a atenção e curiosidade não foram diferentes. Logo na primeira vitrine (Imagem 20 e 21) uma idosa mostrou o que deveria ser a complementação de um instrumento, analisando a confecção do objeto de uma maneira que nem os mediadores haviam pensado a respeito.



Imagem 20 e 21: Apresentação da Exposição. Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

Em outro momento, outra visitante ao ver a indumentária do Orixá (Imagem 22) perguntou em tom quase inaudível se era vestimenta “daqueles lugares” se referindo depois aos terreiros de “macumba”, palavras dela. Com muito cuidado e atenção foi-lhe explicado sobre as diferenças religiosas e o respeito às crenças. Como povo tão repleto de ricas misturas não nos cabe julgar o que é ou não sagrado. Imediatamente uma visitante ao lado disse em bom tom que devemos respeitar todas as crenças e que nenhuma é melhor que a outra.



Imagem 22 e 23: Apresentação da Exposição. Arquivo da autora.
Foto de Rafael Borges

Esta parte da exposição causou certo estranhamento nos visitantes (Imagem 23), mas não menos positivo. A condição de percepção de quem já viveu muitos anos e já conviveu com diversos tipos de desconforto fez diluir rapidamente a sensação estranha.

Como agradecimento àquele momento rico de aprendizado os idosos em coral cantaram a música Índia, uma versão brasileira gravada por inúmeros intérpretes.

Índia seus cabelos nos ombros caídos
 Negros como a noite que não tem luar
 Seus lábios de rosa para mim sorrindo
 E a doce meiguice deste seu olhar
 Índia da pele morena
 Tua boca pequena eu quero beijar
 Índia sangue tupi
 Tens o cheiro da flor
 Vem que eu quero lhe dar
 Todo meu grande amor
 Quando eu for embora para bem distante
 E chegar a hora de dizer-lhe adeus
 Fica nos meus braços só mais um instante

Deixa os meus lábios se unirem aos teus
 Índia levarei saudade
 Da felicidade que você me deu
 Índia a sua imagem
 Sempre comigo vai
 Dentro do meu coração
 Flor do meu Paraguai

Com os olhos marejados, visitantes e mediadores se cumprimentaram, fizeram registros fotográficos (imagem 24) e se despediram. Cada um levando consigo o que pôde aprender.



Imagem 24: Registro final da visita.
 Arquivo da autora. Foto de Rafael Borges

Esta visitação foi um marco para o MA, como para os estagiários que participaram do trabalho de mediação e registro fotográfico: Erica Pereira de Souza Nunes, Rafael Paulino Borges, Haydée Sampaio e Tania Mara da Silva Moura. Conforme relato da Erica esta foi uma experiência única para ela desde que começou a fazer mediação na exposição *Lavras e Louvores*. Pode-se afirmar que esta foi uma experiência bastante significativa.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (BONDÍA apud CARVALHO, 2018, p. 74).

Relatos da experiência dos estagiários:

Relato 1 – Rafael Paulino Borges

Meu nome é Rafael, sou acadêmico de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás e estagiário na área de comunicação do Museu Antropológico da UFG. No dia 17/10 de 2019 participei da equipe que acompanhou o grupo Vida Ativa na visita ao museu e fui surpreendido pela experiência.

Como sou de outra área, não é muito comum eu acompanhar os grupos que visitam o museu. Geralmente cuido da parte técnica da visita como montagem do espaço, distribuição dos materiais, e coisas do gênero; costumo integrar a equipe e participar da visita quando se trata de grupos maiores que necessitam de vários funcionários para coordená-los.

No dia anterior fui informado por outra estagiária que se tratava de um grupo de idosos, público que se não me falha a memória foi a primeira vez que atendi no tempo em que estou trabalhando pro Museu. Ela havia me alertado que seria um grupo animado e que era pra eu estar preparado, e realmente eram. Eu acho que nunca vi um grupo tão animado e interessado no conteúdo que o Museu tem a oferecer ao seu público, o que tornou a experiência única, e que apesar de não estar atuando de forma direta com eles durante a visita, pude notar que eles realmente estavam gostando de estar ali e gostando da experiência de visitar o Museu. Agradeço muito a Tania Moura e a Haydee Sampaio por terem organizado essa visita que, e toda a equipe que esteve presente durante a passagem do grupo pelo Museu, foi de extrema importância ter contato com um público tão diferente do que eu estava acostumado e tão engajado quanto eles foram.

Rafael Paulino Borges

Relato 2–Erica Pereira

A experiência de mediar um público de faixa etária 60+ na exposição permanente Lavras e Louvores do Museu Antropológico da UFG foi ímpar. De início, é pensado os desafios e possíveis obstáculos referentes ao grupo, mas no decorrer da visitação, o sentimento é de realização. A mediação entre espaços e peças musealizadas e o público alvo, em geral, envolve linguagem de ambos os lados, provocações e questionamentos com a finalidade de inserir o público na temática dada. Conseqüente, é necessário pensar a especificidade do público, quanto às limitações físicas e à estrutura do prédio do MA/UFG.

Apesar desses pontos delicados, o público se mostrou interessado e participativo durante toda a atividade de visita. O grupo de idosos inclusos no programa da Prefeitura de Goiânia "Vida Ativa", se percebe como atuante nas suas atividades próprias, e assim se posicionam e opinam durante a visita proposta. Esses idosos, se percebem como agentes sociais e isso se estende às atividades do dia a dia.

Durante a mediação, surgem expressões como "conheço essa peneira e sei como se usa", "já fiz esse tipo de tapete" e até, "gostaria de me tornar um fóssil como esse e ser estudada", tornando a atividade educativa harmoniosa e prazerosa para ambos os lados. A partir dessas interações, entendemos que, esse público não se dá por vencido com as limitações físicas, mas que ao contrário disso, usa de suas incontáveis experiências para assimilar a exposição às suas vivências, de modo a acrescentar, agregar a atividade e com interpretações únicas adquiridas nas fases de suas vidas. É um público que vê as pontuações do mediador, como questões instigantes a pensar as memórias e vivências passadas, com entusiasmo. Portanto, o grupo de idosos recebido, tem muito a contar e a ensinar, como resultado de suas experiências e o museu atua como ponto de partida para essas vivências.

Erica Pereira, estagiária do MA/ UFG e estudante de Licenciatura em História do IFG.

Folha Didática

Ao final da visita foi entregue para cada visitante uma folha educativa contendo perguntas a serem respondidas posteriormente. O objetivo desta ação era que a experiência museal fosse para além do edifício do MA e habitasse a casa, o pensamento e as sensações futuras de cada um.

Uma imagem, uma casa

Painel de fotografias: Casa de Sapé, Edifícios, Casa de adobe.

1. O que se vê da sua janela?
2. Como voce entende de lar e moradia?
3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?
4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?
5. Como é ser mais um no ambiente urbano?
6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

O dia marcado para o novo encontro para recebimento das respostas foi na semana seguinte, dia 22 de outubro, na sede da escola onde acontece o Programa Vida Ativa Núcleo Vila Nova – da Agência Municipal de Turismo e Lazer - Agetul. Os idosos tiveram uma receptividade prestativa e atenciosa. Algumas questões foram esclarecidas e as respostas foram terminadas em sala (Imagem 25 e 26).



Imagem 25 e 26: Idosos respondendo as questões. Arquivo da autora.

A atenção estava sempre presente às explicações dadas (Imagem 27 e 28). Uma idosa muito chorosa em uma mistura de dor e alegria, nos inquieta. A coordenadora explicou que a sua forte emoção foi gerada pela visita ao MA. O edifício fizera parte da construção da sua vida. A visita tinha revivido momentos vividos e, apesar da forte emoção, ela disse que quer escrever um livro de contos, pois a visita ao museu a fez querer registrar os acontecimentos naquele local.



Imagem 27 e 28: Idosos respondendo as questões. Arquivo da autora.

Nota-se que este é um grupo com um grande repertório de visitas em museus, inclusive internacionais, conforme informado pela coordenadora Joelma Cristina Gomes que já os acompanha há muitos anos.

Entre lágrimas de alegrias, sorrisos, homenagens com música cantada e poesia declamada (Imagem 29, 30 e 31), uma futura museóloga tem agora a convicção do que um trabalho dentro de uma instituição museal pode resultar.



Imagem 29, 30 e 31: Homenagens dos idosos. Arquivo da autora.

As respostas da Ação Educativa confirmaram o quanto um trabalho educativo pode trazer subsídios para um aprofundamento na pesquisa e avaliação museológica. Os relatos (transcrições no anexo) vivificam o quão longe a comunicação pode alcançar, confirmando a importância dos museus enquanto espaço de reflexão.

O recorte do relato de uma idosa foi colocado apenas para ilustrar o quanto um trabalho museográfico pode trazer resultados e interferir na vida das pessoas (Imagem 32).

⑤ - Simplesmente, mais uma pessoa; com possibilidades, vestidas, saídas, dificuldades;

⑥ - Me identifique com edifícios, digo que sou a típica moradora de apto; às vezes dá uma visão do todo, de cima; faça uma visão mais ampla. toda edificação acaba, dá segurança;

⑦ - Vejo um mundo a ser descoberto;

Imagem 32: Recorte da resposta de uma idosa participante da Ação Educativa. Arquivo da autora

Transcrição das respostas:

28	Idosa	65 anos	
1.	O que se vê da sua janela?		
R:	Vejo um mundo corrido, agitado, em compensação muito verde, pessoas... vejo a roda do mundo		
2.	Como voce entende de lar e moradia?		
R:	Lar – meu porto seguro, onde decoro com coisas e deixo com a “minha cara” é a minha identidade. Moradia – é o físico, como é apto, tenho visão do alto.		
3.	Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?		

R: Muito barulho, fico um pouco estressada, mas abre possibilidades, visões diferentes;

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: Acredito que seja muito bom, sem estresse, sem agitação, em perfeita harmonia com a natureza;

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: Simplesmente mais uma pessoa, com possibilidades, restrições, sonhos, dificuldades;

6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

R: Me identifico com edifícios, digo que sou típica moradora de apto, as vezes dá uma visão do todo, de cima; passa uma visão mais ampla, toda edificação acolhe, dá segurança;

7. Resgatando memórias: O que você via na janela da casa dos seus pais?

R: Via um mundo a ser descoberto.

O que se pretendeu ao aplicar esta ação educativa era que o museu fosse para além de suas paredes, que os objetos da exposição visitassem a casa dos idosos através de suas memórias. Que fizesse abrir os olhos como janela do corpo para se ver além, ver além do óbvio, ver com a janela das sensações e percepções instigados pelas imagens do museu. O que se pretendeu foi alcançado para além das expectativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Antropológico possui pontos muito fortes na construção de conhecimento que merecem ser trabalhados. Dentre esses pontos pode-se citar que é um museu universitário com a localização acessível, a gratuidade de acesso, o acervo rico na temática regional, a exposição de longa duração *Lavras e Louvores*. Esta instituição tem grande potencialidade para ações educativas com visitas orientadas, realização de oficinas e cursos para preparo de educadores das mais diversas idades e formações, além de palestras e programas para públicos específicos.

Além disso, observamos uma deficiência no trato à sua identidade visual e sinalização, pois apesar da localização privilegiada, encontrar o museu torna-se quase um acaso, pois não há nenhum atrativo visual que o localize como um lugar com tantas possibilidades para o visitante.

As visitas programadas mais comuns são compostas por turmas de alunos das escolas estaduais e municipais. Acredito que o museu precisa ser mais bem aproveitado, pois além da tipologia de universitário ainda carrega o título de antropológico. Tem, portanto, a base para ser um lugar de acolhimento e expansão. Ao acolher questionamentos, debates, provocações, o museu irá para além de seus muros e possibilitará a construção de novas narrativas. Um museu universitário é lugar de estudo, pesquisa permanente e sistemática. Esta tipologia de museu, além desta responsabilidade, tem a produção científica como parte constitutiva de maneira indissociável.

Com relação ao público escolhido para esta atividade museal, percebe-se que a velhice passou a ser, não uma evolução natural da vida, mas sim, um problema social especialmente importante, pois o idoso é vítima de constante discriminação. Há, portanto, uma dívida social a ser paga. Promover uma velhice digna e bem-sucedida é uma questão de justiça social.

A maioria das atuais atividades socioculturais é considerada inadequada ou inapropriada à frequência ou participação do idoso. O próprio termo “velho” é usado de forma pejorativa pela maioria dos jovens. O ancião, o velho, o idoso como presença cultural, quase não é mais visto. No lugar de respeito e valorização pela velhice, o que se vê, no mais das vezes, é a cara do preconceito que, encorajado por uma sociedade silenciosa, acaba sendo visto como consequência inevitável.

O envelhecimento demográfico é uma realidade, e a associação das imagens da velhice a perdas, doenças, dependência, solidão e abandono precisam ser revistas. O ponto de maior relevância está em reduzir as desigualdades sociais existentes para com o idoso. O envelhecer precisa ser vivenciado de forma positiva, mas para isso novos paradigmas precisam ser estabelecidos, a vida sendo subsidiada por oportunidades contínuas de saúde, segurança e participação social.

A exposição de longa duração *Lavras e Louvores*, exposta há treze anos, atua como um guardião de memórias regionais de uma história que constitui a identidade coletiva da sociedade do Centro-Oeste. Possui imenso potencial, mas com pouquíssimo aproveitamento para o público de maneira geral. O público idoso, praticamente, inexistente. Com a realidade do aumento gradativo da expectativa de vida, os museus precisam começar a olhar e investir neste público. Pois, além de visitantes expectadores, são indivíduos com uma carga de vivência e intelectualidade de grande riqueza no trabalho do museu.

Como na maioria das unidades museológicas, no MA a falta de verba, também é um fator preponderante. Na ação educativa um ponto fundamental deste projeto foi organizar algo que não necessitasse de verba financeira. A criação desta Ação Educativa proporcionou uma reflexão e análise crítica sobre os objetivos de uma exposição museológica, bem como as funções de uma expografia e como o museu poderia atuar de maneira mais efetiva com o público. Também ressaltou-se que o trabalho dentro de um museu requer um estudo contínuo permanente, onde a pesquisa precisa nortear, constantemente, as funções do museólogo, do profissional mediador e da equipe da exposição.

O período vivenciado pelo visitante dentro de um museu é relativamente curto, portanto, muito além de sistematização de atividades é preciso conhecer o público e trabalhar a linguagem adequada para cada público. O museu deve buscar, pois, como instrumento de ação social atuar dentro e fora de suas paredes como agente na construção de identidade. A mediação buscou formar um elo entre os objetos da exposição e as memórias dos visitantes, suas vivências, suas angústias e, principalmente, suas alegrias. O Programa de Ação Educativa para o público idoso foi planejado, construído e executado com vistas a proporcionar subsídios para um trabalho contínuo de pesquisa museológica.

Para além da “pedra e cal”, para além dos objetos, para além das etiquetas e textos explicativos buscou-se ampliar a função do museu através da mediação e das

explicações acerca dos objetos; muitas informações podem ser transmitidas pela oralidade dos mediadores, mas nesta experiência viu-se que é possível realizar este trabalho de maneira mais interativa mesmo em uma exposição com características tradicionais. Pois, apesar do conceito da exposição Lavras e Louvores confrontar a corrente evolucionista e colonialista da historiografia conhecida, as características da expografia mantêm uma linha tradicional e pode-se dizer até bem distinta do que prega o museu como espaço de representação social e aberta ao público. A linguagem pretendida para um novo museu é a interação dos produtos culturais expostos com uma comunicação integrada, o que não foi percebido durante a pesquisa.

O museu pode apresentar todas as características tradicionais, mas ele pode abrir as portas para o novo e, assim, praticar entretenimento e construir conhecimento em uma linguagem aberta e participativa.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, José Neves. **Québec acabou? Para os próximos 20 anos**. In: CHAGAS, Mario de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (org.). *A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. Pp. 35-52.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo, Companhia das letras, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1994.
- CARVALHO, Adelino Adilson. **Compreendendo as relações do Museu Antropológico da UFG com seus públicos**. Goiânia, 2018.
- CHAGAS, Mario; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A vida social e política dos objetos de um museu**. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v.34, p. 195-220, 2002.
- COHEN, Regina. DUARTE, Cristiane Rose. **Arquitetura, Espaço, Acesso e Afeto**. <http://www.bengalalegal.com/afetoelugar.php>. Acessado em 23 de nov de 2019.
- CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada**. Brasília, 2018.
- DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.
- _____, Guita Grin. **A Invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas**. Artigo apresentado no GT Cultura e Política da ANPOCS, em 1996. Disponível em: URL:<
http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm Acessado em: 02 de março de 2008.
- FIGURELLI, Gabriela Ramos. **O Público Esquecido pelo Serviço Educativo: estudo de caso sobre um programa educativo direcionado aos funcionários de museu**. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 44, p 1-241, 2012.
- GODOY, Solange de Sampaio. 1997. **Anais do I seminário sobre Museus-Casas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Brasília: Editora UFMG, 2006.
- IBGE. **Estimativa Populacional**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/> Acessado em 23 de nov de 2019.

ICOM DECLARAÇÃO DE CARACAS - 1992. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 15, n. 15, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

IPHAN -INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL –. **O registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimoniolmateral_1Edicao_m.pdf acessado em 18 de nov 2019.

Carta de Brasília. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20Brasilia%201995.pdf> acesso em 23 de nov 2019.

Bonecas Karajá: Novo Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4844> acessado em 18 nov de 2019.

KALACHE, Alexandre. **Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova**. In: Cadernos de Saúde Pública, vol. 3. n° 3. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1987000300001> Acessado em: 23 de nov de 2019.

LEIBING, Annette. **Memória, Velhice e Sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2006.

LEIBING, Annette. **Memória, velhice e sociedade**. In FREITAS, Elizabete Viana de, (Edt.). Tratado de geriatria e gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2011.

MARANDINO, Marta (Org.). **Educação em Museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.

MAROEVIĆ, Ivo. **The museum object as a document**. ICOFOM Study Series, n. 23, p. 113–120, 1994. Disponível em <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/025/13282> acessado em 23 de jun de 2019.

MARTINS, Michele Ferreira. **Aproximações entre a comunicação museológica e a divulgação científica em espaços museais da Universidade Federal de Goiás** (Dissertação, mestrado em Divulgação Científica). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2018.

MATTEUCCI, Janice de Almeida. **Pensando um museu de idosos: processo comunitário de implantação do Museu dos Idosos do Brasil MAIB**. (Monografia, graduação em Museologia). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2017.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. In: ANAIS DO

MUSEU PAULISTA, São Paulo: Edusp, 1993. Disponível no <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289> acessado 23 de jun 2019.

MORSCH, Carmen. **Numa encruzilhada de quatro discursos Mediação e educação na documenta 12: entre Afirmação, Reprodução, Desconstrução e Transformação.** 2016. Disponível pelo http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-1-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao-reproducao-desconstrucao-e-transformacao-2#_ftn2 acessado em 21 de maio 2019.

Museu Antropológico. **Lavras e Louvores.** Disponível pelo <https://museu.ufg.br/p/1326-lavras-e-louvores> acessado em 21 de maio 2019.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos.** In: FREITAS, E.V. et al. Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

OMS (World Health Organization). (2008). **Guia Global: Cidade Amiga do Idoso** Disponível em: <http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>. Acessado em 03 de março de 2008.

ONU. **World Population Prospects** 2019. Disponível em. <https://nacoesunidas.org/acao/populacao-mundial/> Acesso em 20/05/2018.

Political Declaration and Madrid Internacional Plano Faction on Ageing. **Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento,** 2002. Disponível em https://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Madrid_plan.pdf acessado em 23 de nov de 2019.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção.** In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Memória-História. Tradução Suzana Ferreira Borges. Imprensa Nacional, Casa da moeda: Lisboa.

REMELGADO, Ana Patrícia Soares Lapa. **Estratégias de Comunicação em Museus Instrumentos de Gestão em Instituições Museológicas,** 2014. Disponível pelo <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/109315/2/234122.pdf> acessado em 24 de setembro 2019.

SILVA, Luana Gonçalves Vieira; CURY, Marília Xavier. **Públicos idosos e museus no Brasil: formas de atuação e perspectivas - estudo exploratório.** 2016. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-28112016-152047/> acessado em 20 maio 2019.

SILVA, Telma Camargo da. **Modos de fazer Boneca Karajá, circulação de conhecimento e a construção do território.** Disponível em <https://nepi.ufsc.br/files/2013/11/Paper-Telma-Camargo-da-Silva-NEPI1.pdf> acessado em 22 de nov de 2019.

SOUZA, Rildo Bento. **A máscara do tempo: Cidadania e Pessoas Idosas no Brasil (1988-2003)**. (Monografia, graduação em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2007.

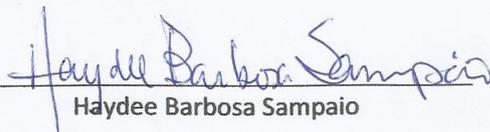
VIDAL, Lux Boelitz. As artes indígenas e seus múltiplos mundos. ***Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional***, Rio de Janeiro, n. 29, p. 11-41, 2001.

ANEXOS

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DO PROJETO

Eu, HAYDEE BARBOSA SAMPAIO, portador da Cédula de Identidade nº 746426 SSP-GO, inscrito no CPF sob nº 18691773120, residente à Rua 255 n46 Setor Leste Universitário ap 1903 condomínio Arte Way na cidade de Goiânia-GO, autorizo para os devidos fins de direito que TANIA MARA DA SILVA MOURA, CI n. 1646704, cpf n. 432126461-87, parceira na autoria do PROJETO DE AÇÃO EDUCATIVA PARA IDOSOS, confeccionado no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás/UFG no ano de 2019, utilize-o para fins de pesquisa acadêmica, apresentação em eventos e/ou profissional. A presente autorização é concedida abrangendo todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: monografias, artigos, eventos (congressos, papers, seminários, mesas-redondas e afins). Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos ou a qualquer outro.

Goiânia, 25 de novembro de 2019.


Haydee Barbosa Sampaio

PROJETO DE AÇÃO EDUCATIVA

1. TEMA:

LAVRAS E LOUVORES: A HISTÓRIA PERCEBIDA E VIVENCIADA

2. CONCEITO:

A experiência visual sendo usada como pano de fundo para relatos e histórias vivenciados pelos próprios autores. As histórias e vivências contadas farão circular ideias e permitirão construir debates, apresentar personagens e acontecimentos muitas vezes desconhecidos, além de fornecer repertórios em várias áreas do conhecimento, como história e literatura.

3. OBJETO MUSEOLÓGICO:

Os objetos da exposição *Lavras e Louvores: Instalações, Artefatos e Objetos etnográficos da região Centro-oeste*.

4. JUSTIFICATIVA:

O museu tendo como missão a valorização dos saberes, ampliando e difundindo conhecimento e como definição de instituição aberta ao público e a serviço da sociedade faz o trabalho de pontes que interligarão materiais ao público idoso através de memórias, fatos vivenciados ou históricos, proporcionando assim, compartilhamento de experiências. A exposição de longa duração *Lavras e Louvores* foi pensada para estimular a representação simbólica da região Centro-oeste. O acervo deverá operar como produtor de reflexão e debate, trazendo aos idosos um reencontro com suas origens, com o passado outrora vivenciado por fatos ou mesmo por lembranças de histórias ouvidas. A regionalidade sendo resgatada na valorização de suas memórias interligadas com o patrimônio cultural.

Esta ação educativa pretende provocar um mergulho ao passado de forma mediada, permitindo a inserção de experiências durante todo o percurso. A mediação será instrumento de ligação entre os objetos musealizados e as memórias dos idosos, suas vivências. Estabelecendo uma troca de saberes sem sobreposição de conhecimentos por nenhuma das partes, “aqueles que ensinam e aqueles que são ensinados intercambiam posições; o processo educativo é compreendido como um ato recíproco” (MORSCH, 2009, p.6/32).

O acesso da pessoa idosa em um espaço cultural como o MA, que tem seu público usual formado pela comunidade acadêmica e escolar, por se tratar de um museu universitário, permite um novo movimento tanto da instituição como do público. A experiência museal compartilhada visa a construção de conhecimento, com comprometimento e intencionalidade para renovação social.

De acordo com Adelino Adilson de Carvalho, 2018, os relatórios de visitação anual apontam que os visitantes do Museu Antropológico são constituídos, em sua maioria pelo público das escolas municipais de Goiânia e de sua área metropolitana; acadêmicos das universidades públicas e privadas do estado e, em uma quantidade menor, pessoas que circulam pelos arredores do MA; além de turistas e pesquisadores do Brasil e exterior.

Os museus como “(...) instrumento de ação social transformadora e se fortaleceu, também, a importância das exposições e das ações educativas como veículos dessa transformação” (MARANDINO, 2008, p.10), servirá como instrumento potencializador para socialização do acervo com o público, não somente como agente passivo mas como participante ativo ao abrimos para um debate direcionado do início ao final do percurso. A ação educativa será dinâmica, mesmo respeitando a heterogeneidade sociocultural do público, suas vivências formarão elos em si mesmo e com o grupo ao dialogar o acervo com experiências individuais. A mediação trará uma nova leitura das que usualmente são executadas na exposição. Essa nova leitura proporcionará uma nova perspectiva do mediador com um público que traz consigo uma experiência de vida ao longo dos anos.

Mas, por que uma ação educativa para o público idoso? O número de idosos tem crescido como nunca visto na história da humanidade. Urge a conscientização da comunidade acadêmica e museológica em relação a realidade populacional no tocante ao envelhecimento. A baixa taxa de natalidade aliada ao aumento da longevidade tem alterado significativamente a escala da população mundial. Os dados quanto à pirâmide populacional não são mais um dado estatístico, é uma realidade que vem mudando o perfil dos usuários. E, até quando os museus de Goiânia se manterão alheios a esta realidade? Em pesquisa aos programas nos museus de Goiânia a prática de ações direcionadas ao público idoso é praticamente inexistente.

Mas, o que o Museu Antropológico pode oferecer a uma pessoa idosa? Esses espectadores já carregam em si noções complexas da vida. Pela sua vivência, pelos

seus conteúdos empíricos e teóricos somado ao que será visto pode trazer uma representação bastante distinta do público que geralmente frequenta o museu. Quando o esquema apresentado propõe quebrar a observação silenciosa e a reflexão interiorizada, por meio de um estímulo ao diálogo e interação entre eles (espectadores, mediadores) possibilita uma experiência que, não é somente visual e interativa, mas fundamentalmente dialógica.

Ao romper o “vazio cultural” causado pela ausência de caminhos que direcionam a criatividade e quando o acesso às ferramentas para consumir o conteúdo apresentado não é suficiente, instiga-se despertar os prazeres de ver, o prazer visual, podendo assim, estabelecer laços especiais entre o que se vê e o que é visto, colocando diante desses espectadores algo além da recepção passiva e vazia da informação cultural congelada nas exposições e nos museus. As reflexões e as interações precisam ser reveladas e negociadas publicamente entre esses agente, com saberes e habilidades de forma diversa e diferenciada. O idoso precisa de liberdade para assimilar novos e velhos conhecidos objetos e arranjos aos seus próprios repertórios prévios de saberes, gosto e fantasia.

A experiência no museu pode funcionar como momento dialógico dentro de um processo maior de familiarização. O que é conhecido e apresentado de forma estranha, de forma que a observação pode necessitar de aplicações da teoria da recepção, pois as percepções são influenciadas pelo que acontece fora das paredes do museu, e faz parte de um sistema expositivo cada vez mais comprometido com experiências de veículos de comunicação de massa.

O público idoso será o visitante e o agente educacional. Elucidando as suas práxis através de uma conversa aberta e fluida.

5. OBJETIVOS:

5.1. OBJETIVOS GERAIS:

- Estabelecer condições para uma ampla disseminação da informação e dos conteúdos produzidos pela exposição Lavras e Louvores para a cidadania e para os direitos humanos e a difusão do conhecimento para o público idoso;
- Fornecer procedimentos de apropriação, interpretação e reelaboração da história da região centro-oeste.

5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Apresentar, através da construção de novas narrativas interligadas com os objetos expostos a história vivenciada na região centro-oeste com seus termos, conflitos e personagens;
- Incentivar uma leitura transversal e múltipla do significado e da história regional a um público não especializado e estimulá-lo a produzir seus próprios percursos para obtenção de informação e de conteúdo;
- Reformular as mediações através de uma nova leitura dos objetos musealizados;
- Dialogar de forma interativa com a exposição *Lavras e Louvres*;
- Apresentar para o público idoso o direito ao conhecimento ligado ao significado e noção de cidadania. Cidadania inclui a necessidade de formação, informação e participação do indivíduo, seja de qualquer faixa etária, nos procedimentos de construção de uma cultura e de uma imaginação política que valoriza sua historicidade ao reconhecer nos processos de construção os múltiplos conteúdos;
- Criar novas formas de divulgação do conhecimento acessíveis ao idoso com a ideia da pluralidade e do diálogo possível sobre situações históricas apresentadas.

6. METODOLOGIA

- Leitura básica e complementar sobre os objetos musealizados da exposição *Lavras e Louvres*;
- Reformulação do conteúdo teórico (circuito) existente no MA sobre a exposição;
- Pesquisas sobre ações educativas direcionadas ao público idoso;
- Montagem do projeto da Ação Educativa;
- Programação da Ação Educativa.

7. PÚBLICO-ALVO

Público idoso (60+)

8. ESPAÇO

Sala de Exposição de longa duração *Lavras e Louvores*.

9. DATA

Primeiro agendamento: 17 de outubro 2019

10. EQUIPE

- Coordenação geral:

Adelino Carvalho (adelinomuseu@ufg.br)

Tania Mara (taniamourprojetos@gmail.com)

Haydee Sampaio (haydeesampaio@gmail.com)

Outros integrantes da Coordenação de Intercambio Cultural do MA

- Produção do Material Educativo para os visitantes:

Haydee Sampaio (haydeesampaio@gmail.com)

- Instrutor da Ação formativa de mediadores:

Adelino Carvalho (adelinomuseu@ufg.br)

- Mediadores:

Integrantes da Coordenação de Intercambio Cultural do MA

- Convidados:

5 a 10 idosos

11. MATERIAL DIDÁTICO

- Caneta esferográfica, lápis e borracha.
- Folhas didáticas impressas

ROTEIRO PROGRAMÁTICO DA EXPOSIÇÃO LAVRAS E LOUVORES

Neste Roteiro foi usado partes do texto gravado e transcrito pelo estagiário em entrevista realizada pela curadora da exposição NEI CLARA com monitores do Museu Antropológico; cadernos e informes do arquivo da Coordenação de Intercambio Cultural do MA; além das referencias bibliográficas informadas.

1. Lavras - à direita, narra o mundo do trabalho;

Logo na entrada da exposição um painel de fotografias (Imagem 5), mostra as potencialidades da paisagem da região centro-oeste (matéria-prima, processos de extração e transformação de recursos naturais)



Imagem 5: Painel Paisagens Telúrica. Arquivo da autora.

Estas imagens rememoram o pertencimento da terra e mostram as características físicas e geográficas – A natureza bruta, inalterada e a transformada pela ação do homem (plantações, garimpo). Evocações do sertão. A intenção foi de produzir uma crítica sobre concepções que acreditam que a identidade está dada pela relação das pessoas com seus lugares de nascimento.

Pergunta importante a se fazer: Como o visitante percebe essa provocação?

Referências sobre a região. Contextualização: Leitura das imagens com base em sua vivência e conhecimento prévios, gosto e fantasia. Incluindo as ideias acerca da beleza e do realismo, a expressão das emoções (sentimentos). Ligação das suas memórias com as imagens.

Sugestão para Mediação - Curiosidades sobre Cerrado escolha 2 ou 3 dessas curiosidades para ampliação de repertório/sugestões de curiosidades, que podem ser acrescentadas levando em conta os conhecimentos prévios do mediador e a necessidade a ser detectada pelo mesmo.

Vitrine n. 3



Imagem 6: Objetos diversos. Arquivo da autora.

Objetos de fibra, cerâmica, madeira, produtos fixados, conservas de plantas e raízes. **“O ato de ver como prática cultural”**.

Sugestão para Mediador: falar sobre um dos objetos expostos ou todos os objetos da vitrine, a oferta de matéria-prima e ou processos de transformação da natureza pelo trabalho, suas vivências nesse processo, sentimentos, utilização cotidiana dos objetos expostos. Todos os objetos, desenhos impressos, formas de conservação, seleção de materiais é o resultado da observação. O domínio e a evolução dos objetos, dos modos de vida domésticos e laboral é a chave para a experiência expositiva dessa vitrine, as especificidades daquilo que é exposto ou narrado em qualquer contexto dado.

a. Objetos de fibras, trançados de palha

O grafismo impresso nas cestarias é usado para adornar objetos, além da forma expressão na variedade de desenhos que não são feitos aleatoriamente. Há significados ligados a uma forma de afirmação cultural, que transmite uma tradição e que vem sendo passado de geração em geração. A comunicação sendo feita através de uma mensagem simbólica, associada à mitologia e cosmologia. O saber fazer o grafismo, arte das mulheres karajá do Brasil Central define grande parte da artesanaria utilizada na região.

b. Conservas de plantas da região

O cerrado é o segundo bioma mais rico em biodiversidade do Brasil e, também, o berço de muitas espécies endêmicas de vegetais e animais. Amostras

vegetais coletadas pelos pesquisadores foram depositadas nos herbários, que armazenam coleções de plantas, conservadas em meio líquido, são espécies vegetais nativas de lugares sujeitos a extinção.

Um ponto importante que deve ser revisto, na placa indicativa e nos registros, as conservas estão como exicatas³¹, o que não confere como conceito desta amostragem, por isso utilizamos o nome de conservas.

c. Objetos de cerâmica (argila)

Esses objetos traduzem comportamentos, visões de mundo, valores tradicionais e identidade possibilitando uma melhor compreensão e uma leitura da cultura em que estamos inseridos.

Vitrine n. 4 – Fossil humano - Homem do Rio das Almas



Imagem 7: Fóssil humano. Arquivo da autora.

É um fóssil humano. Representa toda a ideia de “*A Flor da Terra, pois foi encontrado assim a flor da terra*”. Um misto de natureza bruta com um esqueleto humano. O Homem do Rio das Almas foi encontrado em Barro Alto, no Sítio Abrigo Tuvira à margem do Rio das Almas, afluente do rio Tocantins. A idade do esqueleto pré-histórico tem estimativa de 7.500 anos, segundo método do carvão vegetal.

³¹ Exsicata ou técnica de herborização é uma amostra de planta prensada e em seguida seca numa estufa (herborizada), fixada em uma cartolina de tamanho padrão acompanhadas de uma etiqueta ou rótulo contendo informações sobre o vegetal e o local de coleta, para fins de estudo botânico. Exsicatas são normalmente guardadas num balão herbário. (MONTEIRO, Sérgio da Silva; SIANI, Antônio Carlos. A Conservação de Exsicatas em Herbários: Contribuição ao Manejo e Preservação. Revista Fitos, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 24-37, 2009.)

Significado de Fóssil: Resto ou corpo petrificado de um ser vivo que habitou a Terra numa época primitiva: o arqueólogo achou o fóssil de um dinossauro. O que é extraído, retirado do cerne, do interior da terra; o que está enterrado. Tudo aquilo que, enterrado nas mais variadas profundidades ou conservado de outros modos, indica formas, vidas ou civilizações primitivas, remotas. (extraído do site [www.https://www.dicio.com.br/fossil/](https://www.dicio.com.br/fossil/)).

Vitrine n. 5



Imagem 8: Artefatos diversos. Arquivo da autora.

Menção aos primeiros momentos de ocupação da região. A Historiografia regional contribuiu para criar um mito que privilegia a ocupação oriunda dos bandeirantes paulistas adentrando o Sertão inóspito, perigoso, selvagem, cheio de pessoas também perigosas. O bandeirante trazendo civilização do litoral para o interior do país. Esta vitrine quer contestar esse mito propondo a inversão dessa história na forma que os objetos foram dispostos. Os privilegiados são os instrumentos de trabalho dos habitantes anteriores aos bandeirantes (as pontas de flecha), colocando-os em estojos, como se fossem jóias, enquanto as peças (moedas, cadinho, anel etc.) que remetem ao período da mineração estão colocadas à margem.

Esta vitrine proporciona um trabalho de reflexão junto ao visitante. Pensar no que realmente deve ser evidenciado e o que colocar à margem. O que se valoriza (colocado em evidencia) pode ser fruto de idealizações que nem são próprios e sim criações por interesses outros.

Vitrines n. 6 – Canoa Karajá



Imagem 9: Canoa Karajá e ambientação utilizando recursos visuais (suporte de neon). Arquivo da autora.

Canoa feito por índios Karajá (outros nomes: Carajá, Iny Localização: rio Araguaia/Tocantins. Material: Confeccionada a partir de um único tronco de madeira, pode ser feita de inúmeros tipos de árvores. A canoa é de extrema importancia; é o veículo de comunicação entre as aldeias e, também, usada em diversas tarefas, entre elas, carregar a carga que vem das roças longínquas, pesca, caça e as visitas, todos andam de canoa. Com a chegada da tecnologia – com ela, o que vale é a velocidade - a canoa parece estar a caminho da extinção, tomando o rumo dos museus ou dos livros de História.

A canoa tem uso e finalidade específica, um meio para se chegar a um fim. Entretanto, ela é uma realidade vital para seus navegantes, representando mais que um simples meio de transporte, moldado em um pedaço de madeira. Para os usuários de embarcações aquáticas (barcos, canoas, navios, etc) existe uma grande carga de significados. “A canoa para o nativo, assim como um barco para o marinheiro branco reflete, muito mais que um mero meio de transporte, mas uma tradição, um objeto de culto e admiração, algo vivo e com personalidade própria. (MALINOWSKI, 1978, pag.88)

O recurso expográfico representa um rio por meio de uma iluminação artificial. A canoa é um meio de transporte de um grupo indígena da região. De acordo com a curadora, tentou-se fazer com que o objeto ficasse mais expressivo pelos recursos de expografia - iluminação e suspensão do objeto. A partir dessa instalação³², estamos no ambiente denominado *De Pedras, Plantas e Bichos*.

³²**Instalação** é um termo que, na sua origem, se referia aos procedimentos e às técnicas de exposição de obras de artes em espaços próprios (como museus ou galerias). Essa modalidade de produção artística que lança a obra no

Sugestão para Mediador – Pensar em uma dinâmica ou música pode ser uma cantiga de roda, que pode ser cantada em grupo – Pode-se propor uma performance, a depender da interação do grupo.

A canoa virou
 Pois deixaram ela virar
 Foi por causa de Maria
 Que não soube remar
 Se eu fosse um peixinho
 E soubesse nadar
 Eu tirava Maria
 Do fundo do mar
 Siri pra cá,
 Siri pra lá
 Maria é bela
 E quer casar.

Vitrine n. 7 – Pintura rupestre



Imagem 10: Pintura Rupestre. Arquivo da autora.

É um artefato pré-histórico com pintura feita na rocha. Ao ser colocada à frente de uma canoa Karajá e com o recurso tecnológico que sugere água (as águas sendo contidas pelas barragens), pensou-se em chamar a atenção para a disseminação das usinas hidrelétricas na região e os problemas sociais e ambientais decorrentes desse modelo de desenvolvimento. A ideia foi polemizar sobre essa questão e, ao mesmo tempo, mostrar a beleza das lascas de pedra com pintura pré-histórica.

espaço, com o auxílio de materiais muito variados, constrói um certo ambiente ou cena, cujo movimento é dado pela relação entre objetos, construções, o ponto de vista e o corpo do observador.

Vitrine n. 8 – Fogueira pré-histórica



Imagem 11: Fogueira. Arquivo da autora.

As fogueiras como fonte importante para o conhecimento de formas de organização social passadas através da alimentação desses grupos sociais. Vale ressaltar a importância de se conhecer a pré-história através da pesquisa arqueológica.

Vitrine n. 9 – Livro Tropas e Boiadas

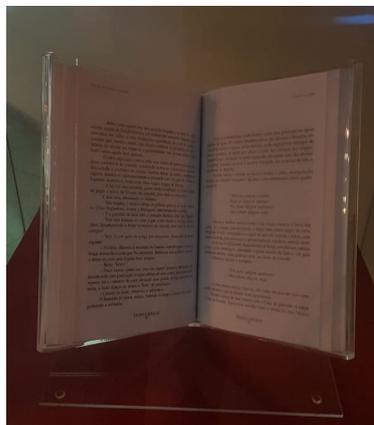


Imagem 12: Livro. Arquivo da autora.

Uma narrativa literária, o livro de Hugo de Carvalho Ramos é utilizado para reafirmar o aspecto simbólico, ficcional da exposição. Ao introduzir um romance como parte do acervo escolhido para representar esta mesma região, reafirma insistindo que uma região é muito mais feita de imaginação do que de fatos reais.

Slides

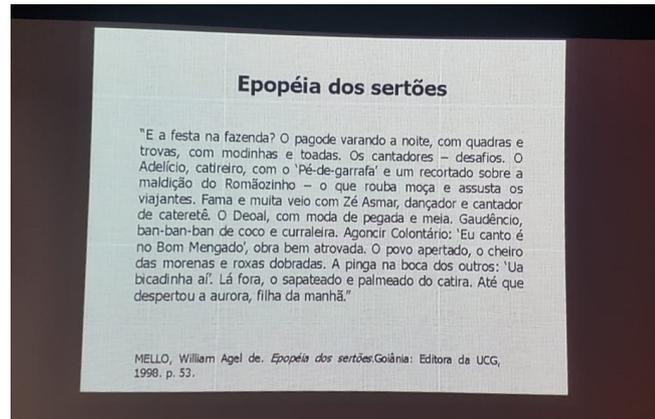


Imagem 13: Apresentação vídeo. Arquivo da autora.

Narrativas literárias (trechos de escritores regionalistas projetados) e as narrativas dos objetos, formando várias textualidades sobre a região. As identidades são construídas pelas narrativas, pelo que contamos sobre nós mesmos. Esta exposição é também mais uma narrativa sobre a região. Ler a exposição.

Nesse ponto, encerra-se o ambiente *De Pedras, Plantas e Bichos* e inicia-se o ambiente *Linhagens*

Vitrines n. 10



Imagem 14: Artefatos diversos. Arquivo da autora.

Silhao, calça, forma de queijo, bateia, pá de garimpo, almocafre, foice, polaque, forma de rapadura. Instrumentos utilizados e historicamente inter-relacionados. Nessa vitrine estão agrupados objetos relativos aos trabalhos pastoril e agrícola da região de diversos grupos sociais: indígenas, mineradores, mostrando

a diversidade no labor de grupos sociais. Construindo narrativas sobre nós mesmos, sobre o ambiente e objetos. **Existem inúmeras maneiras de se contar a mesma coisa.**

Sugestões: **Roda de conversas** - exemplo de perguntas:

- O que carregamos dentro de nós quando deixamos o lugar onde nascemos e crescemos?
- Como percebemos um lugar?
- Como a presença de um objeto pode mudar as sensações que temos de um espaço?
- Quando esse deslocamento ocorre pela expectativa de um lugar melhor?
- Como o que desejamos se mistura ao que já somos?
- Nossa voz e nosso corpo podem mudar quando trocamos de lugar?

Instalação Tramas



Imagem 15 e 16: Instalação tramas. Arquivo da autora.

Processos reprodutivos biológico e cultural de grupos humanos da região. O traçado, atividade predominantemente feminina, é também uma metáfora dos processos de reprodução da espécie e da cultura. Um conjunto de objetos que chamam atenção para a ideia da reprodução biológica e cultural da região. Enfatizando assim, a ideia de cultura como trama, como tessitura. Por isso, a instalação das *Tramas*, “revestindo” as paredes.

Por meio do trabalho, as pessoas transformam a matéria e, ao ocupar-se dela, dá-lhe uma história. Um fio de algodão deixa de ser só uma coisa, com suas propriedades físicas, para ter consigo todas as possibilidades de seu uso. Uma tradição, um modo de usar que carrega um modo de produção que ao se serem tecidos destecidos, retecidos os materiais falam por eles mesmos. São frutos de uma abstração que despreza tudo o que não for essencial.

A própria natureza e aspectos sociais, regionais e políticos dos materiais intervêm e modifica por meio de estratégias como a repetição dos elementos. A

beleza das formas, por vezes, esconde a aspereza da realidade de diferentes aspectos da vida. É bastante apropriada falar da cultura como trama, como tessitura. De um modo geral, as urdiduras dos objetos dessa vitrine chamam a atenção para o trabalho doméstico, notadamente, o feminino das populações indígenas e rurais da região.

Parte B – Lavras - Linhagens

Vitrine 12A- Celebração/ brincadeiras e Vitrine 12B- Arte Plumária



Imagem 17 e 18: Cerâmicas e arte plumária. Arquivo da autora.

Cerâmicas com representação de parto, trabalho, fuso, cardas, novelos tingidos, colares, faianças, vidros, colheres, etc. Técnica de confecção usada há pelo menos 800 anos, e que ainda hoje é semelhante à usada.

Na vitrine 12A apresenta bonecas e objetos materializados pelas mãos das ceramistas através da arte de modelar o barro com formas especializadas e complexas de interpretação do mundo material e simbólico do povo Karajá. Enfatizando assim, saberes relacionados aos aspectos simbólicos das atividades com as diversas camadas de significação com que são construídas. Apresenta formas de trabalho e da vida cotidiana da aldeia, como cena de parto, cena de enterro, dentre outras. Estão expressas por meio de representações artísticas de ceramistas do grupo, como base para explicação e reprodução do seu mundo social e cosmológico.

Na vitrine 12B estão expostos parte da coleção de plumária indígena do Museu. A arte plumária é uma das expressões plásticas mais conhecidas e impactantes das culturas nativas do Brasil. Técnica requintada que, associando

penas e plumas a diversos outros materiais, permite criar obras de arte. É na plumária que encontramos a atividade mais eminentemente artística indígena, revelando impulsos estéticos e características de criação própria e singular. Forma de comunicação, de linguagem dos grupos indígenas que ornamentam o corpo em contraposição aos outros seres vivos (animais e outros grupos indígenas), criando um diferencial, tanto no aspecto interno da tribo quando na utilização da plumagem com outros materiais - fibras vegetais, taquaras, madeiras buscando a adequação de efeitos formais, decorativos e técnicos.

AparelhoTV



Imagem 19: Recurso eletrônico mostrando vídeos grafismo corporal.
Arquivo da autora.

Um recurso expográfico eletrônico para exibir a produção de pesquisas através de vídeos. É mais um lugar de mostragem das várias textualidades e as diversificadas linguagens por meio das quais as culturas e identidades regionais se produzem e se expressam.

Painel de fotografias - Casa de Sapé, Edifícios, Casa de adobe



Imagem 20: Edificações. Arquivo da autora.

Mediador(a) apresenta a vitrine com a frase:

“O QUE VOCE VÊ DA SUA JANELA?”

Sugestão para Mediador - sugerir pessoas do grupo que tenham habitado em uma dessas tipologias manifestar suas impressões, emoções. As imagens constituem textos e sugerem interpretações. Essa visão, de tom evolucionista, marcou grande parte dos estudos da região e da criação literária local. Mostra-se a simultaneidade de temporalidades que coexistem na região, indicando que a linha do progresso e da modernização não destruiu formas culturais.

As formas culturais são contemporâneas da modernidade: a cidade com seus arranha-céus, um assentamento de sem-terra da região da Cidade de Goiás e uma fazenda com uma arquitetura típica das regiões rurais.

A figura dessa casa de fazenda especialmente remete à literatura regional, em que inúmeros autores descrevem o que imaginam ser o atraso da região, criando quadros fictícios de fazendas abandonadas, isoladas, tomadas pelo desalinho, pelo desmazelo, etc. Desde o século XIX, essa recorrência contribui para a fixação da ideia de decadência e abandono da região. Para muitos historiadores, o Século XIX em Goiás é pensado a partir da decadência do ouro, que findou no final do século XVIII. O sertão como lugar incivilizado, isolado, sem estradas, lugar de analfabetos, que desconhecia o mundo da civilização e do progresso. Na visão de muitos estudiosos, esse tempo é rompido com as sucessivas transformações porque passa a região: a chegada da estrada de ferro, a transferência da capital de Goiás para Goiânia, a Marcha para o Oeste no governo Getúlio Vargas, a construção de Brasília, entre outros processos de mudança.

A ideia deste recurso expográfico é contestar essa visão, mostrar seu caráter ideológico e a estreiteza dessa ideologia, que enxerga apenas o caminho do progresso e do desenvolvimento capitalista, que marginaliza e exclui tudo aquilo que não se enquadra no seu modelo.

Sugestao para aplicar Ação Educativa- 2. Uma imagem, uma casa

Vitrine 16 – Artefatos representando os animais da região



Imagem 21: Animais ceramica. Arquivo da autora.

Esta vitrine é uma representação da fauna regional, mostrada através de peças da coleção do MA e da cultura, Karajá, Krahó, Apinajé, dentre outras. A produção cultural indígena não é considerada *design*. Nossos conceitos de arte e *design* são construídos em uma visão de raiz européia, ocidental. Mesmo sem serem absolutos esses conceitos nos impedem de entender uma produção tão legítima e rica em significados e significância. Para serem validados e aceitos pela sociedade ocidental, os conhecimentos passam pela peneira da ciência.

As formas de produção, objetos e informação também passam por processo semelhante. No entanto, essa prática modifica a forma como os artefatos indígenas são compreendidos e revelam uma série de adversidades inerentes a tais operações e ideologias quando aplicadas. Expondo assim, contradições, reabilitando intercâmbios, contaminações, práticas e a possibilidades de apreensões múltiplas de um mesmo “objeto”. Ao classificar objetos produzidos por culturas indígenas como “arte primitiva”, brinquedos, objetos de decoração, de acordo com parâmetros de estética, valores de uso, avaliação da forma de produção, as etapas de desenvolvimento desses objetos, atribuindo-lhes valores desconectados de sua

carga simbólica efetiva-se uma fragmentação. Pois, ao subtrair, adicionar ou preservar apenas partes de um conhecimento, segundo a aceitação de critérios externos que muitas vezes é sustentado pelas exigências da produção no contexto do mercado, na necessidade de sobrevivência e aumento de renda da própria comunidade produtora, fragmenta-se um sistema de saberes complexos.

A visão de mundo em diversas etnias é composta por camadas. Existem muitos mundos simultaneamente, presentes e em contato entre si, embora nem sempre perceptíveis. Portanto, a visão desse mundo pode, repentinamente, mudar. O “ponto de vista” é a posição que cria o indivíduo, pois este que se encontra ativado ou agenciado por uma opinião encarcerada. Conforme explicita VIVEIROS DE CASTRO, 2015, a condição humana sendo referencial comum a todos os seres na natureza.

Diante de uma perspectiva multinatural, o conhecimento, a princípio, surge como improvável, conforme total instabilidade de um mundo, mergulhado na impermanente misturas e transformações. As diferenças entre modos de pensar, agir e se afetar faz parte de como compreender a alteridade. Esta compreensão, inerente às relações entre humanidade, animalidade e divindade são sintetizadas no emprego dos pares natureza/cultura. Significando, pois, que a visão pode, repentinamente, mudar diante de nossos olhos.

Painel de fotografias – Educação formal e não formal



Imagem 22: Painel com imagens. Arquivo da autora.

Localizado entre as vitrines da representação de animais da região (Vitrine 16), demonstrando imagens de processos educativos. A educação indígena como fonte de pesquisas realizadas no MA. O campo de visão aumentado pela educação

formal e não-formal nos grupos-indígenas (a mãe ensinando a criança a fazer cerâmica, a fazer cestaria). A educação na construção da identidade.

Como fomos educados?

Qual a importância da educação que é passada pelos usos e costumes?

Instalação Simulacro?



Imagem 23 e 24: Simulacro. Arquivo da autora.

O recurso expográfico utilizado nesta instalação teve como intenção introduzir o conceito de simulacro. As prateleiras com desenhos de épocas, locais e uso distintos percebe-se a montagem desta representação que deu o nome à instalação.

Os objetos de uso comum nas áreas rurais colocados juntos com aqueles encontrados nas lojas de comércio popular cria uma divisão entre objetos musealizados do acervo do MA, dispostos de acordo com as normas de conservação. Embora ambos fazem parte do acervo e estejam devidamente documentados o tratamento de segurança é diferente.

O simulacro implica grandes dimensões, profundidades e distâncias que o observador não pode dominar. É porque não as domina que ele experimenta uma impressão de semelhança. O simulacro inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista. (DELEUZE, 1969, p. 264 apud SALES, 2004, p.3)

A prateleira recebeu o nome de “Simulacro?” como pergunta, pois, direciona para a ideia que nossas representações podem ser um simulacro. Foi considerado que ao se retirar um objeto do seu uso habitual, esta representação, traz a ideia de

simulacro. O simulacro em si é diferente, singular, mas para um observador externo ele é apenas uma impressão. (SALES, 2004).

No dicionário de língua portuguesa a palavra simulacro e simulação são sinônimos e estabelecem uma falsidade, imitação grosseira. No entanto, alguns autores defendem que há diferença entre os conceitos. Alguns teóricos trazem a explicação deste conceito com diferentes visões, alguns como simulações do real, outros como representação.

Os simulacros são simulações sobre o real; assemelha-se tanto ao real na visão exterior que se torna difícil separar o modelo da imitação, identificando suas diferenças tendem a despertar maior atração ao espectador do que o objeto ou situação que está sendo reproduzido. Essa ferramenta desperta a curiosidade das pessoas a partir da assimilação com a imagem original; uma forma de convencer, dependendo da credibilidade da imagem de origem podem ser os motivos para o estabelecimento dos simulacros como uma “lei de mercado”. Tornando assim, a realidade sem valor e as pessoas passaram a viver e dar mais importância às representações sobre a realidade que são disseminadas. Neste contexto, tudo aquilo que não se sujeita aos modelos é desprezado em favor das cópias.

Conforme Baudrillard, (1981) simulacro é algo “nunca mais passível de ser trocado por real, mas trocando-se em si mesmo, num circuito ininterrupto cuja referência e circunstância se encontram em lado nenhum.”(BAUDRILLARD,1981, p.13). Nesta visão, faz parte do que é real e, somente, embasado assim poderá ter a classificação de simulacro.

Louvores - à esquerda, o ambiente alude às representações das religiosidades e suas festas, cultos e rituais.

Topografias Sobrenaturais

O módulo *Louvores* aborda a representação da religiosidade no contexto territorial goiano, buscando apreender as identidades coletivas e a dinâmica da religião. Como propriedades dessas identidades propõe uma reflexão especial da vida individual e/ou social por envolver um contrato, em que o elemento esperança e sentido da vida são fundamentais para o desenvolvimento humano.

Os rituais, devoções, romarias, danças, possuem uma iconografia própria. Tais manifestações estão ligadas à vida, ao espaço local e ao território como

elemento formador do indivíduo. As manifestações quando populares apontam um trânsito contínuo e intenso entre o institucional e o desclericalizado, uma demarcação de um tempo coletivo e a construção de uma identidade. Um sentido de pertença aos participantes com redescobertas, revisitadas e revitalizadas. O culto religioso torna-se, também, em culto festivo, fenômeno cultural, um festival. No campo religioso, pela festa, tanto no sagrado quanto no profano, todas as coisas se reconciliam. É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite se experimentar afetos e emoções.



Imagem 25: Conjunto imagens. Arquivo da autora.

Conjunto de fotos de festas religiosas comuns a esta região:

- **Cavalcadas na folia do Divino:** são uma forma de a comunidade comunicar suas próprias leituras da sua história e de reforçar laços e processos de negociação de posições sociais, articulados às memórias e à valorização das identidades culturais locais. Em uma performance permanente que não se restringe à transmissão intencional de mensagens, mas refere-se aos processos dos quais todos participam, cotidianamente.
- **Manto Nossa Senhora do Rosário de Catalão:** o bordado está envolto em tradições antigas mas com uma técnica sempre presente no cotidiano, dialogando com diversos momentos históricos. Tipos de bordado diferentes remetem a povos e circunstâncias com significados múltiplos. Além disso, há muita tradição pessoal ligada a ele: usos familiares, modos de feitura particulares ligados à comunidades e estruturas íntimas. Comunica pois, diferente mensagens. O potencial caráter mágico do bordado nos trajes é uma referência comum em outros momentos da história, indicando que esse

aspecto ritual do bordado não tem apenas relação com a religiosidade, mas também com a cultura popular.

- **Procissão do Fogaréu:** acontece anualmente durante a Semana Santa na Cidade de Goiás, antiga capital do estado. É uma festa que foi retomada na década de 1960. Atualmente participam da Procissão do Fogaréu quarenta homens que se fantasiam de Farricocos, sendo estes a atração maior da celebração festiva que percorre ruas e becos da antiga Vila Boa de Goiás. Há apenas um Farricoco que usa túnica branca e faixa vermelha. Ele é o responsável por carregar o estandarte com o rosto de Cristo e possui lugar de destaque à frente dos demais. No início da noite de quarta-feira da Semana Santa, o grupo se reúne em frente ao Museu da Boa Morte, no centro da cidade, para ensaiar o trajeto da Procissão. Por volta das 22 horas chegam pessoas que compõem os Farricocos e, poucos minutos antes da meia-noite, já com as vestimentas, dirigem-se para a porta da igreja/museu da Boa Morte, junto com uma banda que dará ritmo à caminhada. As luzes da cidade são apagadas e turistas e demais participantes recebem tochas. A Procissão se desloca passando pela ponte sobre o Rio Vermelho em frente à Casa de Cora Coralina e chegando à igreja do Rosário, onde acontece a primeira parada, em seguida caminham por entre ruas e becos até chegar à igreja de São Francisco, onde o bispo faz uso da palavra. Em frente, na Casa do Iphan, reúnem-se autoridades, por entre os Farricocos, para assistir à cerimônia. Após o término da pregação, a procissão volta para seu ponto de partida na Igreja da Boa Morte para ser finalizada.
- **Congada:** também conhecida como congado é uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira. Folgado muito antigo constitui-se em um bailado dramático com canto e música que recria a coroação de um rei do Congo.
- **Ritual Carajá:** Uma criança preparada para um ritual Karajá. Heteroky "Casa Grande" é uma importante festa Karajá, um ritual de iniciação, que representa a "passagem" da qual os jovens deixam de ser crianças para se tornarem homens. A festa costuma se iniciar nos meses de setembro ou outubro, e duram em torno de seis meses, até os meses de março ou abril. Esse ritual visa diminuir o impacto da "passagem", onde os Jyeré deixam de se relacionar com outras crianças e passam a se relacionar com os homens.

OBJETOS RITUAIS - Diversidade e Sincretismo religioso.

Instalação Arco do Divino – Portal do Sagrado

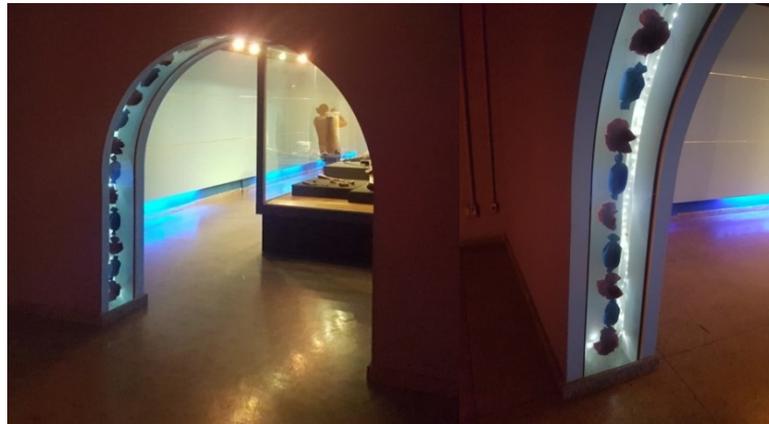


Imagem 26: Conjunto imagens. Arquivo da autora.

Esta instalação intenciona-se voltar a representação do simulacro. A Representação de um arco de uma folia utilizado nas festas em louvor ao Divino Espírito Santo, da região de Olhos d'Águas, Goiás. O arco simbolizando, também, a passagem do profano para o sagrado.

Nas visitas mediadas é importante perceber todos os elementos de uma exposição. Este arco costuma ser considerado apenas uma passagem.

Vitrine 23



Imagem 27: Objetos musicais. Arquivo da autora.

Essa vitrine dos objetos musicais de diferentes tradições religiosas: flautas e adornos musicais Krahó, apitos, maracás, tambores, atabaques, varas, pandeiros, caixas, etc. O predomínio é de objetos do acervo indígena do MA. É um conjunto de objetos rituais de vários tipos de festividades. Entre eles, tambores que são considerados comunicadores, como se fosse o correio, ou a internet, com o poder de emitir e transportar os sons para as divindades. A matraca utilizada nos rituais da

Semana Santa etc. A matraca, os maracás, os chocalhos e apitos revelam a região coabitada por diversos povos e expressam suas sonoridades, que imprime ao mundo sensível uma descontinuidade, que reclassifica qualitativamente sua forma de olhar o mundo. E, sacralizando esse mundo, atribuindo uma significação plena de um espaço sagrado em oposição a todo o resto. A representação de um mundo.

Vitrine 24 - Indumentárias e objetos de culto

Indumentárias completas. São como prolongamento da corporeidade e expressão da religiosidade e sendo constitutiva da experiência religiosa. A vestimenta permite pensar uma correlação entre o corpo e o sagrado, excedendo a função de cobrir e proteger o corpo e também o sentido do belo, extrapolando as funções que auxiliam a compreender a dimensão litúrgica do ritual e as vivências da comunidade. Configurado em um sistemas e códigos

A vestimentas e os adornos do corpo é organizado e corresponde a uma determinada linguagem. A Estrutura dos modos de vestir que se ligam através de memórias, que são estéticas e religiosas e são transmitidas oral e corporalmente. Propondo assim, um diálogo com a ideia de pensar a importância das vestimentas nos processos de comunicação e transmissão de valores simbólicos e marcador identitários de uma comunidade. A partir dessas roupas que podemos entender uma parte do rito e do mito.

Segundo Bruno Brulon, (2013) todos objetos de ritual assim como os objetos de culto são "tesouros"ou obras de arte religiosa. O objeto de culto se artifica tanto por provocar uma emoção estética (ligada à emoção religiosa), quanto por ser estudado como objeto de arte. Nesse sentido, tal processo não significa a mera passagem de não-arte a arte, mas trata-se de uma reconfiguração dos dispositivos e das justificações mobilizados em torno desses objetos que, então, passam a funcionar, eles mesmos, como atores na performance museal. Eles são objetos religiosos ao mesmo tempo em que não o são, e estão entre a realidade e a representação.



Imagem 28: Indumentária de Oxum. Arquivo da autora.

- Indumentária de Oxum**, orixá das águas doces. Uma representação da religiosidade afro-brasileira, o Candomblé. A opção desta vestimenta é para chamar a atenção do visitante para a presença das religiões afro entre nós, um tanto subestimada por alguns. Estão presentes em nosso meio mas recusamos vê-las, assim como, a dar-lhes visibilidade. Nas narrativas sobre a região, é bastante precária a presença do negro, principalmente suas expressões religiosas, comumente vistas com preconceito e negatividade. No entanto, as manifestações religiosas afro-brasileiras estão impregnadas nas nossas formas de expressão religiosa. Desde o início da colonização brasileira, há um trânsito intenso entre as várias cosmologias religiosas que professamos. O Orixá representada aqui é Oxum. A escolha do orixá foi feita após entrevista com um fundador de um terreiro aqui em Goiânia. Ao ser perguntado qual era o orixá mais expressivo que podia representar a região Centro-Oeste, a resposta foi Oxum, por ser um Orixá das águas doces. Como a região é cortada por vários rios, ela é tida como o orixá protetor do Centro-Oeste.



Imagem 29: Indumentária indígena. Arquivo da autora.

- **Indumentária de ritual de dança dos Índios Yawalapiti:** a cabeça confeccionada em cabaça inteira com figuração de olhos e nariz composta por pedaços de madeira e uma abertura (furo) representando a boca de onde saem dois dentes (presas). O corpo é constituído de armação de fasquias da nervura da folha de buriti presas entre si mediante traçado torcido, compondo braços e pernas cujas extremidades terminam em franjas. Vestimenta de origem xinguana.



Imagem 30: Totens karajá. Arquivo da autora.

- **Bonecas/totens Karajá:** nessa coleção o que se intenciona é chamar a atenção para os aspectos da religiosidade desse grupo. Essas peças, segundo estudiosos, não são consideradas sagradas. Eles são formas de expressão do sobrenatural. O sobrenatural para eles é uma manifestação muito cotidiana, mas que é impalpável, imaterial, não-físico. Os totens representam, assim, a convivência quase que cotidiana do Karajá com o mundo sobrenatural.



Imagem 31: Indumentária Congada. Arquivo da autora.

- **Vestimenta de terno de Congada:** a performance ritual dos ternos de congado rememoram as narrativas míticas sobre a “aparição de Nossa Senhora do Rosário”. Os coletivos denominados “ternos de congado”, em um primeiro momento expõe ritualmente temas específicos sobre a formação da sociedade brasileira, como a dominação colonial dos indígenas e à escravidão dos africanos, tanto quanto acerca das simbologias religiosas acionadas de maneiras diversas pelos rituais. Se apresentam em diversos lugares do país, cada qual com um estilo segundo características das indumentárias, dos instrumentos, dos toques musicais, das cantigas, das danças realizadas, manipulação de objetos simbólicos e demais movimentos rituais. Recorrendo a sinais diacríticos, as comunidades assinalam suas relações uns com os outros, e assumem ascendência saudando os santos católicos e não católicos, ancestrais mortos e seus próprios reis. Cortejos nas festas em homenagem à “Nossa Senhora do Rosário”, onde através do canto, da dança e da manipulação de objetos simbólicos saúdam santos não apenas católicos, coroam Reis Congos e dialogam com outros grupos de congado.



Imagem 32: Bandeira do Divino. Arquivo da autora.

- **Manto do Divino/Cavalhadas**, a bandeira, numa folia, é levada pelos foliões num giro que eles fazem recolhendo as esmolas do Divino. Ela, juntamente com a Coroa são consideradas encarnações do Divino. Portanto, quando a folia chega nas casas com seus foliões, os seus cantores, seus músicos, o alferes carregando a bandeira, ela é reverenciada por todos. O dono da casa

a recebe e faz o percurso com ela dentro da casa, como que levando as graças do Divino para todos que moram ali. Ela é uma representação da encarnação do Divino Espírito Santo. A bandeira utilizada nos festejos e cortejos significa que os fiéis que portam a insígnia são guiados pelo Espírito Santo de Deus. É confeccionada em damasco (tecido grosso e brilhante), normalmente de dupla face, de forma quadrangular, com cinco palmos de lado (embora existam maiores e menores). Sobre a base vermelha, no centro é bordada em relevo uma pomba branca da qual irradiam para baixo raios de luz em branco e fio de prata. A cor vermelha simboliza o fogo, alusivo à forma pela qual o Espírito Santo se manifestou aos apóstolos e à Virgem Maria no Cenáculo. Cada um dos sete dons do Divino, geralmente representados por fitas de cetim, tem sua cor característica: azul – sabedoria, prata – entendimento, verde – conselho, vermelho – fortaleza, amarelo – ciência, azul escuro – piedade, roxo – temor de Deus. As cantorias do Divino Espírito Santo são sempre acompanhadas de duas bandeiras cruzadas, transportadas por duas moças ou moços de casa em casa para anunciar que a Festa do Divino está chegando. É considerado uma honra ser escolhido para levar a bandeira nos cortejos.



Imagem 33: Adorno indígena. Arquivo da autora.

- **Leque para occipício (adorno plumário):** O nome dele é lahetô. Um símbolo de distinção para os índios, que ultrapassa limites do estético e imprime em suas penas e sementes a ordenação da aldeia, o significado da vida, a importância do ser. Sua forma em arco gira entre o presente e passado. Cada etnia tem o seu significado especial, mas uma regra é geral: os maiores e mais vistosos devem enfeitar as cabeças de curandeiros e caciques.

Vitrine 26 – Carrosel



Imagem 34 e 35: Carrosel. Arquivo da autora.

Representação que ocorre durante os festejos do Divino Espírito Santo, acontecimento tradicional da Vila de Olhos D'água, município de Alexânia. Retrata a chegada do santo e dos foliões para o pouso da folia na festa folclórica. Este evento acontece também em outros municípios, tais como: Jaraguá, Pirenópolis e Santa Cruz, sendo considerada uma das festas regionais típicas do estado de Goiás. As peças foram confeccionadas por uma artesã de Olhos d'Água. A tradição que se guarda e rememora, tanto nas Cavalhadas como em Cristãos e Mouros, é a das lutas de Carlos Magno e dos doze Pares de França. No centro da vitrine, os cavaleiros representam a Cavalhada, com um cavaleiro mouro e um cristão em posição de disputa.

Após as cortinas de tecidos



Imagem 36: Cortina. Arquivo da autora.

Instalação Passagem



Imagem 37: Passagem. Arquivo da autora.

"Todos os caminhos levam a Deus"

Esta instalação foi montada para demonstração do sincretismo religioso. Ou melhor, a idéia do trânsito de crenças e rituais religiosos que nós operamos no cotidiano.

O sincretismo religioso como aspecto cultural é uma estratégia de sobrevivência transnacional. Entre os diversos povos envolvidos formaram amálgamas que refletem a soma de diferentes estruturas étnicas e as inúmeras as vias por onde ele se apresenta. A (re)produção de novos conteúdos religiosos formados, a partir das traduções e transferências culturais são realizadas desde o descobrimento. Esse contato entre esses povos provocou uma situação de emergência: encontrar estratégias de sobrevivência cultural em geral e religiosa em particular.

A história do Brasil Colônia e do Brasil Imperial é um dos períodos mais trágicos da história da humanidade, quando alguns milhões de africanos foram arrancados de suas terras para virarem escravos no chamado Novo Mundo. Muitos não sobreviviam à travessia nos navios negreiros. Os sobrevivente são chegar, vivenciaram sevícias, violências, humilhações e degradações de toda sorte. Meio a tanta dor, os sobreviventes se valeram de suas culturas ancestrais e seus cultos e crenças tradicionais, conseguiram encontrar formas de esquivar-se de uma religião imposta pelos colonizadores que lhe roubaram o direito de ir e vir, à integridade física e o exílio imposto pelos colonizadores . Buscando se livrar das imposições do catolicismo dos jesuítas e das ameaças da Inquisição ibérica, mesclaram a religião dos dominadores através de sua cosmogonia e sua teogonia original, compondo um

mix cultural e religioso que se entende como uma síntese ocorrida no cruzamento de estratégias de sobrevivência.

O catolicismo popular brasileiro é muito rico de imagens, rituais, crenças. Ele foi recriado no sertão por leigos, quando a presença da Igreja no Sertão era bastante rarefeita. Nesse contexto, as pessoas faziam oratórios nas portas de suas casas, para fazer as novenas, rezar terços etc. Daí também as inúmeras folias, do Divino Espírito Santo, de Reis, as romarias. E esses oratórios são, então, expressões das formas domésticas, personalizadas, de experimentar a religião católica.

Esta instalação foi pensada como um alerta para a existência das várias formas de expressão desse catolicismo, para como ele é híbrido de elementos dos rituais e crenças africanas. Por isso, os santos e objetos rituais católicos estão no mesmo plano que objetos e divindades do candomblé, da umbanda, religiosidades afro-brasileiras. Como os alguidares, essas gamelas ou tigelas de cerâmica que servem para que se façam os despachos, os agrados dos orixás e/ou santos; como as quartinhas (a macho e a fêmea), como o Preto Velho, a Cabocla Jurema, o Caboclo, Índio, etc.

Instalação Fronteiras



Imagem 38: Instalação espelhos. Arquivo da autora.

“Quando a fronteira revela o eu e o outro”.

Ao final do percurso da exposição, temos a sala interativa, chamada de Fronteira. A fronteira, neste caso, é entendida como lugar da alteridade, um território de invenção do outro, onde o indivíduo procura se reconhecer frente à alteridade. Nela, temos várias imagens fotográficas de pessoas moradoras da região. Algumas dessas fotos são de pesquisas do Museu e outras foram feitas para a exposição. Desse modo, temos fotos de índios, de negros e de moradores atuais de Goiânia.

Afixadas em espelhos, de modo que o visitante possa também se ver, entre essas imagens. Com isso, queremos indicar que a identidade é uma construção que, ao mesmo tempo, cria a si própria e a diferença, num processo que inventa o eu e o outro num mesmo movimento.

Conforme HANCIAU, 2005, antes de serem marcos físicos ou naturais, as fronteiras são, sobretudo, o produto da capacidade imaginária de refigurar a realidade, a partir de um mundo paralelo de sinais que guiam o olhar e a apreciação, por intermédio dos quais os homens e as mulheres percebem e qualificam a si mesmos, o corpo social, o espaço e o próprio tempo. Estabelece uma situação constante de fronteira na qual as relações entre o “eu” e o outro, quando “O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História” (Martins, 1997).

Referências Bibliográficas para Roteiro Programático

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

Brulon, Bruno. (2013). Da artificação do sagrado nos museus: entre o teatro e a sacralidade. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 21(2), 155-175. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142013000200006>

CARVALHO, Adelino Adilson. *Compreendendo as relações do Museu Antropológico da UFG com seus públicos*. Goiânia, 2018.

CORDEIRO, Edmundo. *Imagem: simulacro, dor...* BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acessado em: 11 de março de 2012

HANCIAU, Núbia J. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) *Conceitos de Literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

Malinowski, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*– Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 2ª edição, 1978.

- MARANDINO, Marta (Org.). Educação em Museus: a mediação em foco. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.
- MARTINS, José de S. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MORSCH, Carmen. Numa encruzilhada de quatro discursos Mediação e educação na documenta 12: entre Afirmação, Reprodução, Desconstrução e Transformação. 2016. Disponível pelo http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-1-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao-reproducao-desconstrucao-e-transformacao-2#_ftn2 acessado em 21 de maio 2019.
- SALES, Alessandro Carvalho. O Problema do Simulacro: A Leitura de Gilles Deleuze. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004, Porto Alegre. Anais do XXVII Congresso... São Paulo: Intercom, 2004.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: *O que nos faz pensar?*n. 18, pp. 225-254, set. 2004.
- _____. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

OPÇÕES DE MATERIAL DIDÁTICO PARA SER APLICADO NA EXPOSIÇÃO LAVRAS E LOUVORES

1. Os bens culturais e suas histórias

Pedir aos participantes que guarde na memória, registre com anotações ou imagem um determinado objeto da exposição. Três ou quatro participantes deverão escolher o mesmo objeto.

Primeira Etapa: Observação do objeto

Segunda Etapa: Registro escrito respondendo a estas perguntas:

- Qual cor, a forma e a provável textura?
- Pode fazer barulho?
- Está completo ou falta alguma parte?
- Está usado ou novo?
- Foi feito a mão ou se utilizou algum equipamento?
- Numa peça única ou em partes separadas? São montáveis (parafusos, encaixes, cola, etc)
- Com molde ou a mão?
- É decorado?
- Quem o fez?
- Para que finalidade?
- Quem o usou?
- Como foi usado?
- Gosta da aparência?
- Que valor tem para as pessoas que usou?
- Para quem o fabricou?
- Para quem guardou?
- Para quem vendeu ou doou?
- Para você?
- Para um museu?
- Para um banco?
- Se encontrasse na rua o que faria com ele?

Cada participante mostrará as suas conclusões para os demais, ou seja, os três que escolheram o mesmo objeto. Desta forma, compartilharão o significado que teve para cada um. Formando assim um grupo.

Cada grupo inventará uma história que deverá ser apresentada a todos no final da atividade. Esta história deverá envolver a visão de todos, respeitar tanto o significado quanto a trajetória do objeto.

Esta atividade dará subsídios para trabalhar noções de patrimônio cultural e as diferenças entre o cultural e o pessoal, assim como o respeito pela alteridade.

2. Uma imagem, uma casa

Esta ação deverá ser desenvolvida com o Painel de fotografias: Casa de Sapé, Edifícios, Casa de adobe.

Sugerir que observem cada imagem por alguns minutos e na sequência fazer uma reflexão sobre as características de cada moradia, sem muitas explicações técnicas tentar levar o espectador a uma introspecção direcionada.

O que se vê da sua janela?

Como voce entende de lar e moradia?

Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

Como é ser mais um no ambiente urbano?

Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

As perguntas estarão no material educativo entregue e servirão de base para uma roda de conversa – Sugestão: observar o entorno do museu com o grupo e fazer uma ligação com o que se vê da sua janela.

Levantar a discussão sobre o que o museu, como edifício construído e aberto ao público trouxe de conteúdo com esta visita. As narrações deverão ser anotadas pelo mediador, pois são materiais ricos em percepções do entorno e do MA.

3. Uma edificação, uma descoberta – Observação detalhada

Esta atividade deverá ser desenvolvida na parte interna e externa do Museu Antropológico. Dividir em dois grupos.

Cada participante deverá observar, atentamente, todos os detalhes e elementos da edificação por alguns minutos. Passado este tempo, deverão seguir até as mesas laterais para descrever através de desenho, escrita o que se lembrarem: material que foi feito, tamanho, cor, etc). Terminado o registro, peça que voltem para frente do edifício e comparem com o que descreveram nas suas anotações.

Promova, a partir dessa experiência, uma reflexão sobre a diferença entre **olhar e o ver** e sobre a importância da observação detalhada para a compreensão e a descoberta de outras informações que o olhar superficial não permite.

Batize este olhar de observação com o nome de **olhar de detetive**.

4. Uma edificação, um bem material/cultural– Investigação

Separe os dois grupos iniciais e conduza ao local observado, seja interna ou externamente, mas agora sugira que utilizem o olhos de detetive. Com prancheta, papel e lápis na mão caminhem pelo edifício, seja na parte interna ou externa e escrevam tudo que chamar a atenção em relação à construção, tanto coisas boas quanto as ruins. Se quiserem conversar com as pessoas que trabalham no museu poderão fazê-lo.

Sugira questionamentos:

- Como se apresenta?
- Como é sua construção?
- Quantos andares têm?
- Qual a sua utilização?
- Quais atividades são desenvolvidas dentro dele? E do lado de fora?
- Qual o estado de conservação e limpeza?
- O que mais lhe chamou a atenção?
- Como são os móveis das salas?
- Tem banheiros disponíveis?
- Como é a rua que se chega nele?

Podem ser acrescentadas outras perguntas, de acordo com a observação do Mediador. Cada um dos participantes pode procurar dados diferentes e juntar os resultados para partilhar com todos.

Uma vez completada a observação, reúna os participantes e promova um debate.

A partir desta atividade, o Mediador poderá complementar com a descrição deste bem cultural, o edifício que abriga o Museu Antropológico. Qual sua função? Quando foi construído? Quando foi inaugurado? Durante que governo? Foi construído para que função? Houve adaptações? Por que tem o nome de Museu Antropológico? Quantas e quais atividades são desenvolvidas neste edifício?

Como resultado, proponham que encontrem uma forma de apresentar este conhecimento para outros amigos, familiares, vizinhos, dentre outros, promovendo com isso uma valorização deste bem cultural e promovendo o MA como uma instituição aberta ao público e rica em saberes.

Referência para construção da Ação Educativa

GRUNBERG, Evelina. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA DA FOLHA DIDÁTICA

1	Idosa	anos	
<p>1. O que se vê da sua janela? R: Plantas e pessoas passando.</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Onde eu vivo com minha família em harmonia.</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Pouco barulho</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: É confortável, é bom mesmo tendo dificuldade.</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano? R: Saber viver, compartilhar com todos.</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo? R: Sobrado dá mais segurança.</p> <p>7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: Vi uma mãe, com sacrifício para criar 11 filhos, sozinha na roça, também na cidade.</p>			
2	Idosa	63 anos	
<p>1. O que se vê da sua janela? R: Arvores verdes lá vem do Mutirama, sinto estar num lugar cheio de verde. Me transporto para lá onde há muito verde. Isso me traz uma paz. Sinto de uma certa maneira privilegiada. Obrigada meu Deus.</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar é onde eu me encontro nesse momento, é mais que uma moradia, é a minha vida está enraizada, minha história de vida, momentos bons e ruins, união e solidão. E pra mim no meu entendimento moradia não há um elo de sentimentos, de família, etc.</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: As vezes me tras alegria, esperança no futuro, e que estou passando aqui é passageiro.</p> <p>As demais não foram respondidas</p>			
3	Idosa	65anos	
<p>1. O que se vê da sua janela? R: Veja uma paisagem composta de muitas coisas. A vegetação de antes está bem reduzida. Deu lugar para construção de casas, estradas. E, mesmo essa pequena vegetação, todo ano ocorre queimada por pessoas sem consciência, que não importa com preservação do ambiente. O mais lindo vejo o nascer do sol, e muitas vezes da lua.</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar é um ambiente mais “concegente” com a família compartilhamento em afeto. Moradia onde vive, correndo para estudo, trabalhado, e existe um distanciamento nas relações entre as pessoas.</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Interfere na falta de tempo de mais convivência mais tranquila com a vizinhança. Também o receio da violência que ocorre nas ruas, etc.</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?</p>			

<p>R: As grandes mudanças muitas vezes nos traz uma saudade imensa da nossa primeira moradia no tempo de infância. Mas vida que segue, não ficamos estagnados, surgem novas mudanças em nossas vidas, inclusive as moradias.</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano?</p> <p>R: Não sinto mais uma no meio urbano, mas ter uma convivência humanizada na medida do possível.</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?</p> <p>R: Pode modificar, muitas vezes tampando minha visão, de uma paisagem natural, que existia anteriormente.</p> <p>7. Resgatando memórias: O que você via na janela da casa dos seus pais?</p> <p>R: Uma paisagem linda! A vegetação formada por árvores frutíferas, plantação de produtos para a nossa alimentação. Também criação de galinhas, porcos e até cachorrinhos</p>			
4	Idosa	82 anos	
<p>1. O que se vê da sua janela?</p> <p>R: Na minha janela e vejo os passos nas árvores e fico muito tempo olhando eles cantando</p> <p>As demais não foram respondidas</p>			
5	Idosa	67anos	
<p>1. O que se vê da sua janela?</p> <p>R: Uma rua gente passando pássaros voando céu lindo</p> <p>2. Como você entende de lar e moradia?</p> <p>R: lar eu e minha família vivendo em unidade Moradia – abrigo onde fica por um tempo</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?</p> <p>R: muito barulho som alto demais</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?</p> <p>R: não é muito confortável mas mora bem</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano?</p> <p>R: lutando para vencer na vida urbana eu vim da zona rural.</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?</p> <p>R: depende do jeito de ver as pessoas mundo que você vive.</p> <p>7. Resgatando memórias: O que você via na janela da casa dos seus pais?</p> <p>R: muitas pastagens curral cheio de vacas homens tirando leite logo no amanhecer. Mamãe fazendo paes.</p>			
6	Idosa	anos	
<p>1. O que se vê da sua janela?</p> <p>R: árvores pé de caju - manga</p> <p>2. Como você entende de lar e moradia?</p> <p>R: onde vive a família</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?</p> <p>R: paisagem</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?</p> <p>R: confortável</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano?</p> <p>R: normal supermercado compras</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?</p>			

R: pode mudar melhorias.		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?		
R: um pomar		
7	Idosa	62anos
1. O que se vê da sua janela?		
R: vejo plantas e minha pitucha, sol, bulho, a noite		
2. Como voce entende de lar e moradia?		
R: a sua lar é um ambiente de amor, moradia só se vai dormir, não existe amor.		
3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?		
R: tudo de bom pois vejo a natureza, os animais, plantas		
4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?		
R: Natureza, tudo era natural usava lamparina, pilão		
5. Como é ser mais um no ambiente urbano?		
R: uma vida corrida, pois tudo é correria		
6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?		
R: houve uma distancia entre ser humano através da comunicação, tv radio que antigamente não existia.		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?		
R: muitas arvores, ar livre, animais, sol, a lua, tudo de bom.		
8	Idosa	
1. O que se vê da sua janela?		
R: da minha janela vejo a cidade, pássaros voando, pessoas andando		
As demais não foram respondidas		
9	Idosa	anos
1. O que se vê da sua janela?		
R: O brilhar do sol de manhã.		
2. Como voce entende de lar e moradia?		
R: um grande aconchego pra um bom repouso		
3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?		
R: gratidão por tudo que o universo (nus) me oferece		
4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?		
R: Muito grato		
5. Como é ser mais um no ambiente urbano?		
R: É um privilégio.		
6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?		
R: Em tudo.		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?		
R: Era feliz e não sabia.		
10	Idosa	anos
1. O que se vê da sua janela?		
R: Vejo da minha janela, vejo parte da cidade, xxxx, edifício e la longe, bem a distancia, o horizonte, morros parece encontrar com o ceu.		
2. Como voce entende de lar e moradia?		

R: moradia – espaço físico, construção de paredes. Lar vai além, são as pessoas que vão morar. É a convivência, laços afetivos, estima para um com o outro + principalmente o respeito e por ai vai. Lar é essa convivência.

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: É relativamente, durante a semana é muito movimentado, mas nos fins de semana é tranquilo. Tenho que preciso. Tudo que preciso por perto, supermercados, padarias, feiras, farmácias, postos de gasolina, meio de transportes, bancos e até universidades.

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: acho que até por uma semana daria para viver bem, sou muito cidade, a + de 48 anos só cidade, cidade...

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: é a magia adaptação, moro na cidade. Tenho que viver conforme a estrutura. Procurando viver bem...

6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

R: Edificações que venha trazer grandes benefícios para o ser humano, para coletividade, para populações.

7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

R: Na infância morei em fazenda, na roça, na fazenda, brincava, andava no curral, e subia em arvores e por ai vai. Ia de carroça ou de cavalo para a escola na cidade.

11	Idosa	70 anos	
----	-------	---------	--

1. O que se vê da sua janela?

R: Eu vejo da minha janela blocos de apartamentos, quiosque, pistas de carros e pedestres e gramas entre estas.

2. Como voce entende de lar e moradia?

R: Lar eu entendo a reunião da família e moradia onde a família se encontra. É o teto.

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: O entorno interfere na liberdade do meu dia-a-dia. Na minha privacidade

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: Morar é interagir com o ambiente natural, discutindo e adequando-o aos viveres.

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: As vezes é tediosos ser mais um no ambiente urbano, parece que o humano se torna ciência/numero.

6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

R: modifica assim: parece que o mundo de cada pessoa é só dentro de 4 paredes ou dentro de um meio de locomoção e ao mesmo tempo se transforma em uma imensidão através do que é veiculado através dos meios de comunicação.

7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

R: O que eu via através da janela da casa paterna era o paraíso: o pomar, vizinhos.

13	Idosa	69 anos	
----	-------	---------	--

1. O que se vê da sua janela?

R: Avenida congestionada, pessoas a pé, quadra de esportes. Aviões chegando e saindo do aeroporto. Blites na calçada em baixo da janela. Nascer do sol.

2. Como voce entende de lar e moradia?

R: casa família.

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: barulho interfere, televisão, telefone.

			<p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: parte componente.</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano? R: mais um que soma em busca de um lugar ao sol.</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo? R: Transformação constante mudanças.</p> <p>7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: Animais, pessoas, vegetação.</p>
14	Idosa	71anos	
			<p>1. O que se vê da sua janela? R: Plantas ecachorros. 1 predio de uma bela vista.</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lugar de aconchego, descanso com a família.</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: transito na rua</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: Xxx uma época muito boa tudo rustico, panela de ferro tudo era rustico muito agradável.</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano? R: uma vida muito agitada</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo? R: Isolamento das pessoas</p> <p>7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: um belo sitio.</p>
15	Idosa	anos	
			<p>1. O que se vê da sua janela? R: outra rua, uns prédios e quintais</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar e moradia é a mesmo coisa</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Tem uma escola do lado com muito barulho</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: morar no ambiente rustico para mim é mais tranquilo e saudavel</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano? R: Está cada vez pior viver num ambiente urbano. Muita violência.</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo? R: Uma vez que temos menor espaço, acho cada vez menos liberdade.</p> <p>7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: Alguns vizinhos e quintais, rua tranquila, podia ter mais tranquilidade.</p>
16	Idoso	anos	
			<p>1. O que se vê da sua janela? R: mundo cheio de injustiça de governantes. Como viajou mundo tem lindo por do sol. Ver natureza perfeita ver lua com natureza bela estrelas brilham casais namorando crianças brincando lendo Sou fortando administração justa para melhorar.</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: o lar e tudo na nossa vida e segurança</p>

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: vejo minha infância linda família unida ver responsabilidade do pai perante de família tao perfeita dar amor carinho respeito e dignidade e responsabilidades e ver sinceridades de amizades.		
4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: eu adoro tudo que vivi		
5, 6 e 7 não foram respondidas		
17	Idosa	65 anos
1. O que se vê da sua janela? R: Prédios, áreas verdes, aeroporto, avenidas.		
2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar é quando todos que vivem debaixo do mesmo teto se entendem, dialogam e tem os mesmos objetivos. Moradia é um espaço em que uma ou mais pessoas moram ali, mas com objetivos diferentes.		
3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Pode interferir com barulhos de carros ou de conversas de pessoas na rua, até mesmo sirene de policiamento.		
4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: É viver num lar calmo, longe do barulho dos prédios. Um ambiente natural rustico, possui barulho saudável, com o canto dos pássaros.		
5. Como é ser mais um no ambiente urbano? R: É viver em meio a poluição, barulho de carros, é sentir-se inseguro ao sair de casa, mas tem o lado bom que são as oportunidades de trabalho, de lazer e eventos culturais.		
6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo? R: Uma coisa é a pessoa morar na casa ou num apartamento tendo como foco o lar, a vizinhança, o desapego. Outra coisa é a pessoa viver isolada em sua mansão tendo muitos bens e ou objetos, mas não tendo espaço, nem tempo para cuidar de si e da convivência em comunidade.		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: Via plantações de frutas (várias espécies) uma pequena fazenda do vizinho e as pessoas tirando leite das vacas.		
18	Idosa	76 anos
1. O que se vê da sua janela? R: Um mundo de esperança		
2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar é a família. Lugar onde moramos é nossa moradia.		
3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Não interfere em nada.		
As perguntas 4, 5 e 6 não foram respondidas.		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: Eu morava na fazenda. Via muita plantação, animais e uma bela natureza.		
19	Idoso	83anos
1. O que se vê da sua janela? R: O Bairro Leste Vila Nova com seus prédios, casas de moradas, Rua A, Avenida Independencia, além de vários restaurantes.		

	<p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar é o lugar que a família convive na harmonia e na paz, criando laços de convivência nos ideais de uma vida feliz. Moradia é onde um mora, não necessariamente com laços de amizade.</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Positivamente, pois já acostumei a vida da cidade.</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: É um mundo que dificilmente vai voltar, pois o ser humano tende cada dia mais, a vida mais fácil!</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano? R: Cada pessoa deve construir seu ambiente. Eu me sinto rodeado com o numero enorme de irmãs..</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo? R: Conheço as casas de sapé, as casas de adobe e moro num edifício. A paz que sentia na vida oitenta anos atrás, ainda vivo hoje com a minha esposa e demais amigas.</p> <p>7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: A roça, com o gado pastando, o trigo dourando e a passarada alegrando o dia! “Qualquer casa é sempre uma bela imagem.”</p>		
20	Idosa	62 anos	
	<p>1. O que se vê da sua janela? R: Mto avanço, mta tecnologia</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar é família + aconchego. Moradia é só um lugar.</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Interfere no medo. Mta violência (assaltos)</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: Só morei quando criança. Não me lembro mto. Mas morei em casa de adobe brincava em quintal nas bananeiras (de bolinha de gude, enfinca) brincadeiras nas ruas – queimada.</p> <p>5. Como é ser mais um no ambiente urbano? R: Hoje temos outros entretenimentos TV – watsap - clubes</p> <p>6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo? R: Mto progresso</p> <p>7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais? R: Mais simplicidade + dificuldades falta de energia etc</p>		
21	Idosa	anos	
	<p>1. O que se vê da sua janela? R: No momento estou morando em edificios, vejo da minha janela outros prédios, um parquinho.</p> <p>2. Como voce entende de lar e moradia? R: Lar lugar onde moramos com a família. Moradia é o lugar a casa onde moramos.</p> <p>3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela? R: Não tem muita interferência pois as pessoas são muito individualistas, cada um por si não existe comunicação.</p> <p>4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico? R: Quando nasci meus pais moravam na fazenda, ali nasci, cresci num ambiente muito gostoso, junto a natureza, tomando banho de rio, brincando. Foi uma época</p>		

muito importante na minha vida.

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: Pra falar a verdade sou mais um mesmo, se falando de comunicação vivemos numa época de muita evolução, crescimento mais falta calor humano.

6. não foi respondida

7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

R: Já janela da casa dos meus pais eu via muitas arvores frutíferas, um rio largo onde tomávamos banho. Via também gados, ovelhas, porcos, galinhas. A tardinha víamos o por do sol que era encantador. São memórias que guardo com muito amor.

22 | Idosa

62 anos

1. O que se vê da sua janela?

R: Vejo da minha janela o infinito (muito barulho) pessoas “correndo”... multidões pessoas andando passos apressados... pássaros voando de um canto p/ outro.

2. Como voce entende de lar e moradia?

R: Lar – vejo família pais filhos – aconchego

Moradia – vejo pessoas que moram próximo apenas complementa isto nem sempre acontece... vida humana desumana.

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: Nossa como interfere, além do barulho... são aglomerado de janelas próximo. Tira a paz, fico mais “enfazada”. Tenho que recorrer a espiritualidade criatividade procurar entender a “parafenalha” que vejo da minha janela e transformar e ser pessoa melhor, não deixar que tire a minha paz.

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: Morar no ambiente mais rustico é mais agradável, simplicidade e + humano. Nem precisa de curso de humanização. E gostoso e saudável. A nossa vida fica mais leve e ficamos mais em paz.

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: é só mais um morador a parte humana fica distante a convivência mais egoísta mais dentro da realidade que vivemos podemos muda o “olhar” e trazer impressões boas e agradável para nossa vida.

6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

R: Modifica muito, olhando o lado humano de maneira mais distante. Isolamento... mais confortável em termo de moradia porem pessoas mais distantes.

7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

R: Quanta saudade! Via curral, sol nascendo... gados pastando... muitos animais. Muito alegria amizade.

23 | Idosa

76 anos

1. O que se vê da sua janela?

R: da janela infelizmente moro em apartamento 1ª andar so vejo telhado dos vizinhos

2. Como voce entende de lar e moradia?

R: lar e moradia é o lugar de prazer para seus moradores família ou amigos

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: através da minha janela tem um telhado que me atrapalha muito por ser muito branco e doi minha visão e no so uso o cantar dos pássaros.

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: Sinto muita falta de plantas e amigos, que mora em apartamentos os vizinhos fecha as porta rápido para não ter que falar nem um bom dia aos outros.

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: o ambiente urbano tem melhorar muito convivência de pessoas amigadas apoiar mais o ser humano dar mais liberdade as crianças nossas.		
6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?		
R: por exemplo mais coisa natural tais como o ser humano dar mais apoio ao outro por xxx na hora de ajudar o outro em qualquer momento em acidente doença etc		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?		
R: da janela de meus pais nos avistava os vizinhos todos muito amigos nossa janela tínhamos serenata dos amigos e namorados. A noite fazíamos dança de roda com criança e tudo mais briga de meninos etc.		
24	Idosa	69 anos
1. O que se vê da sua janela?		
R: arvores, plantas, predios		
2. Como voce entende de lar e moradia?		
R: O lar é o nosso aconchego e moradia onde residimos com paz espiritual.		
3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?		
R: Interfere através das paisagens, arvores, carros, os movimentos das pessoas.		
4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?		
R: Através de jardins na área de lazer, com bancos e jardins ambiente natural rustico.		
5. Como é ser mais um no ambiente urbano?		
R: É um mais na socialização do ambiente urbano na cidade, ou bairro, tem como a tecnologia do mundo		
6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?		
R: E modificação urbano e modificação do ambiente		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?		
R: lembranças do passado as crianças brincando no quintal, conto de historias na sua casa.		
25	Idosa	63 anos
1. O que se vê da sua janela?		
R: vejo prédios e comercios		
2. Como voce entende de lar e moradia?		
R: lar é nosso descanso nossa paz espiritual. Moradia onde moramos e descansamos.		
3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?		
R: interfere na paisagem, nas pessoas e carros, comercio		
4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?		
R: os quiosques arvores e jardins respiramos melhor.		
5. Como é ser mais um no ambiente urbano?		
R: é um a mais na socialização		
6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?		
R: modificar o ambiente urbano. Ex carros		
7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?		
R: Via muitos pastos vacas, bois, cachorros, patos, rios. Uma visão muito boa só saudades.		
27	Idosa	83 anos
1. O que se vê da sua janela?		
R: vejo as paisagens dos bairros vizinhos e a rua com seu transito insuportável da Av. Independencia		
2. Como voce entende de lar e moradia?		

R: Lar nossa casa, moradia é o lugar em que moramos, convivemos com nossos familiares.

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: Interfere na minha qualidade de vida ora bem ora nem tanto. Eu veja a poluição sonora.

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: É aceitar com dignidade a nossa maneira de viver.

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: É ser quando nos deparamos em um lugar que achamos que não é nosso, as vezes acho que que estou em um lugar errado.

6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

R: O modo como vivemos, bem o mal, cada um tem sua maneira de viver e aceitar.

7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

R: Via pastagens, animais, matas, lavouras e muita alegria. Pois morávamos no interior sempre em chácaras. Sem Tv – telefone – ou rádios.

28	Idosa	65 anos	
----	-------	---------	--

1. O que se vê da sua janela?

R: Vejo um mundo corrido, agitado, em compensação muito verde, pessoas... vejo a roda do mundo

2. Como voce entende de lar e moradia?

R: Lar – meu porto seguro, onde decoro com coisas e deixo com a “minha cara” é a minha identidade. Moradia – é o físico, como é apto, tenho visão do alto.

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: Muito barulho, fico um pouco estressada, mas abre possibilidades, visões diferentes;

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: Acredito que seja muito bom, sem estresse, sem agitação, em perfeita harmonia com a natureza;

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: Simplesmente mais uma pessoa, com possibilidades, restrições, sonhos, dificuldades;

6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

R: Me identifico com edifícios, digo que sou típica moradora de apto, as vezes dá uma visão do todo, de cima; passa uma visão mais ampla, toda edificação acolhe, dá segurança;

7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

R: Via um mundo a ser descoberto.

29	Idosa	70 anos	
----	-------	---------	--

1. O que se vê da sua janela?

R: Eu vejo prédios, aeroporto, comercio.

2. Como voce entende de lar e moradia?

R: É o nosso descanso e morada

3. Como o entorno interfere no seu dia a dia através do que se vê da janela?

R: As paisagens, ventos e prédios

4. O que é morar sendo parte do ambiente natural rústico?

R: Os quiosques e os arvoredos e os jardins rusticos

5. Como é ser mais um no ambiente urbano?

R: É um a mais na socialização

6. Como uma edificação pode modificar sua percepção de mundo?

R: A modificação dos ambientes urbanos nas escolas e nos ambientes e multidão e árvores.

7. Resgatando memórias: O que voce via na janela da casa dos seus pais?

R: Nós havistavamos vizinhos, serenata e outras há mais, amigos e outros amigos.